

# **GNOSEIS**

Collana di Scienze Sociali

Bozza 02  
formato mm 170x240 b/n  
Allestimento brossura fresata



Guglielmo Rinzivillo

Bozza 02  
formato mm 170x240 bn  
Allestimento brossura fresata

ESTUDO SOCIOLOGICO  
DO MARXISMO OCIDENTAL



Edizioni Nuova Cultura

Collana *Gnoseis*  
ISSN 2284-0567

La Collana si propone di fornire studi e ricerche nel campo delle scienze sociali e umane, occupandosi anche di temi-problemi che delimitano la ricerca teorico-metodologica di confine tra le diverse discipline implicate e che, proprio ultimamente, sollevano rinnovati interessi di natura epistemologica nei ricercatori di tutto il mondo. *Gnoseis* intende rivolgersi soprattutto a scienziati sociali di nuova generazione, interessati alla ricerca di "orizzonti" prodotti singolarmente (ai nostri tempi) sfruttando i progressi del sapere scientifico e/o dei vari saperi per promuovere tra autori contemporanei delle varie Università e nei vari Paesi, un incremento di riflessione sull'origine e lo sviluppo delle scienze sociali applicate. In questo contesto la Collana riceve volentieri anche studi affini alle tematiche sociali, quali ad esempio temi inerenti l'economia, l'ambiente etc., nell'ottica di un approccio multidisciplinare alla conoscenza e alle possibilità di trasformazione dell'esistente come obiettivo del processo culturale.

*Direttore scientifico*  
Guglielmo Rinzivillo

*Comitato Scientifico*

Nunzio Allocca, Marcelo Enrique Conti, Cecilia Costa, Lorenza Di Pentima,  
Patricio Djalma, Piero Dominici, R. Sandra Evans, Daniel Gorra, Teresa Numerico,  
Marco Antonio Pirrone, Andrea Wehrli, Mark D. White

Il comitato scientifico non risponde delle opinioni  
espresse dagli autori nelle opere pubblicate.



**SAPIENZA**  
UNIVERSITÀ DI ROMA

Copyright © 2023 Edizioni Nuova Cultura - Roma  
ISBN: 9788833655819

Composizione grafica e Copertina: Silvia Poggi  
Revisione a cura dell'Autore.



Questo libro è stampato su carta FSC amica delle foreste. Il logo FSC identifica prodotti che contengono carta proveniente da foreste gestite secondo i rigorosi standard ambientali, economici e sociali definiti dal Forest Stewardship Council

È vietata la riproduzione non autorizzata, anche parziale,  
realizzata con qualsiasi mezzo, compresa la fotocopia,  
anche ad uso interno o didattico.

## INDICE

<b>APRESENTAÇÃO PARA EDIÇÃO NO BRASIL .....</b>	<b>7</b>
<b>I - O MARXISMO NA MEMÓRIA DOS CONTEMPORÂNEOS.....</b>	<b>11</b>
1.1. - CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES .....	11
1.2 - A GÊNESE NA MEMÓRIA .....	12
1.3 - A CRÍTICA AO CAPITALISMO CLASSICO .....	17
<b>II - A HEGEMONIA DAS CORRENTES .....</b>	<b>25</b>
2.1 - INTRODUÇÃO .....	25
2.2 - A SOCIOLOGIA DO “MARXISMO OCIDENTAL” .....	27
2.3 - QUESTÕES DE DISCUSSÃO .....	29
2.4 - AS TOTALIDADES “CONCRETAS” .....	31
2.5 - LIBERDADE DE DIALÉTICA .....	35
<b>III - A CIÊNCIA DOS INTELLECTUAIS .....</b>	<b>39</b>
3.1 - A “DIALÉTICA DA HISTÓRIA” E SEU CONTRÁRIO .....	39
3.2 - A VISÃO CARISMÁTICA DO INTELLECTUAL .....	41
3.3- NA ESTEIRA DE ANTONIO GRAMSCI .....	45
<b>IV - PESQUISA SOBRE A GENESIS E A PRÁXIS .....</b>	<b>51</b>
4.1 - INTRODUÇÃO .....	51
4.2 - A HISTÓRIA DE UMA CIÊNCIA E O PROBLEMA DA HISTÓRIA .....	52
4.3 - SOCIOLOGIA E MATERIALISMO HISTÓRICO .....	55
<b>V - EPISTEMOLOGIA E MARXISMO .....</b>	<b>59</b>
5.1 - A ESPECIFICIDADE DO MARXISMO .....	59
5.2 - A FILOSOFIA E DISCURSO CIENTÍFICO DO OBJETO.....	61
5.3 - A CIÊNCIA E A LÓGICA DA HISTORIA.....	63
<b>VI- NOTAS SOBRE MARXISMO, SOCIOLOGIA E ESTRUTURALISMO .....</b>	<b>67</b>
6.1 - A VERSÃO ESTRUTURALISTICA DA DIALÉTICA .....	67
6.2 -A SOCIOLOGIA NO HUMANISMO DA “MODERNIDADE” .....	68
<b>NOTA BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>71</b>



## APRESENTAÇÃO PARA EDIÇÃO NO BRASIL

A queda do muro de Berlim em 1990, que dividia não só a cidade alemã, mas o mundo em duas partes, praticamente marcou o fim da ascensão do comunismo e do socialismo, e conseqüente interesse pelas teorias que o sustentavam, como o marxismo, entre outros. Neste novo milênio temos ainda países com governos desta linha, mas não são mais os mesmos, com adaptações às novas realidades sociais e, principalmente econômicas, como, por exemplo, China e Cuba. Mas Guglielmo (Guilherme) Rinzivillo demonstra nesta sua obra através de uma análise entre ciência e memória, que muitos princípios do marxismo e do socialismo estão ainda presentes e podem ser aplicados na atual realidade de domínio capitalista. Basta pensar nos governos em diversos países, como o Brasil, onde ha alternância de ideologias políticas, mesma se não são bem definidas como “direita” ou “esquerda”.

Na America Latina a esquerda procurou se adaptar as realidades locais que, diferente da Europa e Ásia, não tem uma história milenar. As culturas nativas foram ou dizimadas ou oprimidas após a chegada dos europeus no século XV. Com exceção de Cuba, nenhum outro país no continente americano tem governo comunista. Alguns podem ser governados por ideologias socialistas, como Hugo Chaves na Venezuela, mas não tem poder absoluto.

Estudiosos apontam que o marxismo começou a se espalhar na América Latina no final do século XIX, introduzido por imigrantes alemães (alguns muito representativos, como German Ave-Lallemant), italiano ou espanhol, inspirando a criação de organizações socialistas ligados ao pensamento da Segunda Internacional, como o Partido Socialista argentino (fundada em 1895) e do Partido Socialista do Chile. Foi o argentino Juan B. Justo um dos primeiros tradutores de “Capital” em espanhol (1896). Michael Löwy escreve em “El Marxismo en América Latina: antología, desde 1909 hasta nuestros días.” (Michael Löwy, Lom Ediciones, 2007, Santiago - Chile) que são três períodos principais do marxismo na America Latina: o primeiro denominado revolucionário, entre os anos 20 e 30 do sec. XX, com as obras do peruano J.C. Mariategui e dos movimentos em El Salvador; Um segundo período, de influencia stalinista, dos anos 30 a 60, com destaque a revolução cubana de Fidel Castro e Ernesto Che Guevara; e o terceiro período, marcado pelas influencias desta revolução e das ideias de Che Guevara.

Lowy diz ainda sobre os primeiros autores latino-americanos que, contrário ao reformismo e à via pacífica para o socialismo, defendidos por Justo, outro pensador marxista surge naquele momento. Luis Emilio Recabarren (1876-1924), dirigente operário e educador, foi o fundador do Partido Obreiro Socialista do Chile em 1912, que em 1922 se transformou em Partido Comunista, seção chilena da III Internacional.

Carlos Aguirre em “Marxismo e Izquierda en la historia de América Latina” (Revista Contra-Corriente, Vol. 5, No. 2, Winter 2008, i-ix) afirma que, desde as origens do socialismo, fim do sec. XIX, até a chegada ao poder de Evo Morales (Bolívia) e

Michelle Bachelet (Chile) no início do sec. XXI, passando naturalmente por episódios-chaves como a revolução cubana de 1959, a esquerda latino-americana sofreu uma série de transformações, algumas delas certamente radicais. Aguirre fala ainda que as esquerdas de hoje pareçam ter tomado distância dos velhos modelos políticos marxistas/comunistas, e não lhes falta razão. Há mais de vinte anos, Oscar Terán se referia a necessidade de uma profunda autocrítica ao interior da esquerda, complementando que a crise do socialismo real trouxe como consequência o descrédito quase universal do marxismo como um guia para a ação política. Aguirre, citando o historiador britânico Eric J. Hobsbawm, Marx sobrevive em sua concepção materialista da história e em suas análises do capitalismo. No século XIX já previa a globalização, e quando se celebrava o 150<sup>a</sup> aniversário do Manifesto Comunista, as crises econômicas do sudeste asiático e de Rússia em 1997 e 1998 confirmaram suas previsões. O poder do marxismo segue intacto, diz Hobsbawm, não tanto suas ideias políticas, mas suas análises e sonhos de igualdade.

No encontro “Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática” (Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011) foram destacadas Bolívia e Venezuela na atualidade política, os países com governos mais próximos ao marxismo-socialismo. Os autores Rodrigo S. Gonçalves e Euclides de Agrela Neto afirmam que, depois de um longo período de hegemonia do neoliberalismo na região, a América Latina passou por importantes mudanças em seu contexto político na transição do século XX para o século XXI. Dentre todas as experiências, duas das que geraram mais expectativas de rupturas com o neoliberalismo e de mudanças profundas e radicais nas estruturas sociais e econômicas foram as da Venezuela, com a ascensão de Hugo Chávez ao poder em 1998 e a da Bolívia, com a chegada de Evo Morales em 2006. Mas, afirmam, a participação dos intelectuais marxistas nas formulações acerca dos governos ou mesmo nos próprios programas e projetos concretos destes reascende as condições para um debate muito importante dentro do marxismo: a relação do pensamento ou da produção de teoria com a prática política.

Os autores acrescentam que, no caso da Venezuela, a participação de intelectuais marxistas de peso dentro do governo parece mais incipiente, ou menos explícita do que no caso boliviano. Paradoxalmente, continuam, a caracterização feita pelos marxistas – ou próximos do marxismo – venezuelanos acerca do processo do governo de Chávez esbarra em algumas limitações teóricas. A utilização do conceito “populismo” revela alguns limites e até alguns riscos políticos para a análise do processo venezuelano. Neste sentido, o conceito de bonapartismo nos parece mais adequado. Adriano Codato e Renato Perissinotto em *Marxismo como ciência social*. (Curitiba: Ed. UFPR, 2011), afirmam que a queda do marxismo teve pelo menos um efeito negativo, que foi o de expulsar da pauta da pesquisa em Ciências Sociais no Brasil um conjunto de questões que dizem respeito às classes sociais e sua expressão na política, essa entendida como modalidade de ação ou como estrutura estatal. Isto é, com o desaparecimento dessa perspectiva, em grande parte advogada pelos intelectuais marxistas, a Sociologia Política se empobreceu. Mas João Feres Jr, na introdução deste livro, afirma que os autores não pretendem restabelecer antigas maneiras de pensar a Sociologia Política.



O propósito do livro não é o de servir de base para o resgate de uma ortodoxia ou mesmo para a proposição de uma nova. Pelo contrário, os autores pretendem dar ao marxismo teórico um significado científico no sentido de mostrar como ele pode ser apropriado de maneira a gerar hipóteses que iluminem e inspirem o trabalho de análise empírica, o que na verdade eles já vêm fazendo em seus estudos substantivos há anos. Assim, o livro tem o objetivo autoimposto de combater o preconceito que é causa tanto do “silêncio da Ciência Social sobre o marxismo teórico” como da “ignorância olímpica desse mesmo marxismo teórico diante da Ciência Social dominante”.

Rinzivillo procura na sua obra mostrar que seja talvez o caso para sociólogos afirmar que lhe rendeu um tempo para a filosofia, desenvolver um estado crítico das coisas além da historicidade dos supostos autores intelectuais.

*Prof. Patricio Djalma, Furb, University of Blumenau - SC, Brasile*



# I - O MARXISMO NA MEMÓRIA DOS CONTEMPORÂNEOS

## 1.1. - CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Tinha sido em voga por muito tempo nas ciências sociais e políticas a versão marxiana, depois marxista da teoria do Estado burguês, entendida como uma expressão da vontade e os interesses da classe dominantes e inseridos na relação historicamente dada entre a superestrutura ideológica, jurídica e política (direito burguês, a religião) e a estrutura econômica produtiva de base da sociedade. Para além dos contornos ideológicos fortes e as necessárias *nuances*, a teoria do Estado tornou-se um ramo de estudos políticos e jurídicos sobre o marxismo, que é crescente no panorama do pensamento científico moderno e da cultura de vários países, de diferentes maneiras (recessão) e, apesar de algumas declarações de fundo são sempre os mesmos. Como Lênin escreveu em *O Estado e a Revolução* (1917) retomando Friedrich Engels de *Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staats* (1884), o estado é um produto interno de desenvolvimento social e do antagonismo irreconciliável entre as classes.

Mais analiticamente, a teoria do estado da crítica de Karl Marx deriva da crítica da filosofia de Hegel sobre direito público (1843), se estende para além da publicação do *Manifesto* de 1848 e os seguidores interessados do marxismo ortodoxo, do socialismo e da social-democracia, do liberalismo e interpretações variadas da teoria econômica de classes, da antropologia à sociologia política, de Mikhail Bakunin e Ferdinand Lassalle, a Rosa Luxemburgo - relações Negócios/estado - Gyorgy Lukács a Karl Korsch - no lado cultural -. Deve-se notar que nas primeiras décadas de 1840, Marx declarou suas conclusões comunistas em *'Deutsch-Französische Jahrbücher'* com sede em Paris, com Arnold Ruge, após a supressão do jornal radical *'Rheinische Zeitung'* de Colônia (Alemanha), onde ele trabalhava. A relação Estado-sociedade civil é o foco da formulação teórica e crítica da estrutura de classe da sociedade burguesa. O estado é basicamente um produto da gênese histórica da dominação de uma classe sobre uma outra que, em algumas mudanças importantes, leva em conta as diferenças de etnias (por exemplo, Ludwig Gumplowicz e Franz Oppenheimer). Além disso, Marx elabora a conceituação de estado (como teoria) e do potencial humano de capital (como prática), como uma manifestação da relação entre a divisão do trabalho e da produção de *commodities* fetichista na sociedade burguesa. Para ele, a teoria passa pelo mercado dominado pela necessidade. Isto significa que a esfera econômica e a esfera política se interpenetram: um determina o outro em seu núcleo. Dessa forma, a definição marxista, inicialmente, de termos científicos da relação entre capital e trabalho, encontra os caminhos da força de trabalho excedente de apropriação por parte da classe trabalhadora.

A produção de referências típicas sociológica para o Estado, dentro do tempo especificado, dirige os conjuntos sociais de que esse Estado é uma parte que interage

com outras partes ou regra. Isso é mais provável uma definição de tipo funcional, como cientistas políticos dizem agora, muito aceito entre as fileiras dos sociólogos mais ou menos modernas como Pitirim Aleksandrovic Sorokin e Robert M. Maciver.

Claro, a análise marxista das “contradições” e do próprio marxismo foi capaz de superar as desvantagens também populares entre seus contemporâneos em assimilar a memória das várias teorias da revolução da era moderna apenas por causa do grande debate sobre a relação entre o Estado entendida como uma realização burguesa, a economia e sua organização racional, uma discussão relacionada com a maturação dos mais críticos para o desenvolvimento do capitalismo nas vicissitudes da separação - a partir da década de 20 do século XX -, entre o marxismo da União Soviética e o chamado marxismo ocidental. Fato está que, após a Revolução Francesa e a teoria da sociedade européia científica sobre “luta de classe” passa por transformações indelévels. Muitas ideias que, para alguns, agora pertencem à pré-história do marxismo, pode ser encontrado a partir dos históricos franceses François Guizot, Augustin Thierry, François A. Mignet e entre os seguidores de Robert Owen e Saint-simonismo ou nas fileiras desses teóricos revolucionários que vão desde François-Noël Babeuf e Bianqui Auguste até Bakunin, Pierre-Joseph Proudhon e Lassalle, e, além disso, até o “revisonismo” de Eduard Bernstein (crítico das conclusões expressas no *Capital*) e da II Internacional e do radicalismo de ‘esquerda’ de Rosa Luxemburg e a crítica conseqüente do “centralismo” de Lênin, Leon Trotsky e os pós-Stalin.

Como escreveu certa vez Iring Fetscher, o marxismo é apenas uma parte da totalidade histórica, sempre contém a cultura do Ocidente. Neste sentido, podemos concluir que *uma* teoria da história pode parecer - especificamente - *uma* história demais moderna de seus construtores. A sociologia da história que ela representa, às vezes, uma chave de leitura que pode facilmente *oboedire tempore*, embora ao marxismo não se aplique o ditado *in pristinum redire statum*. (volta às origens).

## 1.2 - A GÊNESE NA MEMORIA

Os apoiadores modernos e contemporâneos da teoria marxista podem convergir para o fato de que, pelo menos comumente para definir o marxismo, e chegou a um determinado ponto em seu desenvolvimento, se deve admitir que as diversas definições filosóficas e científicas, políticos e ideológicos de certas doutrinas, movimentos ou grupos pode ter aceitado a tese de Marx que: o historia é uma sucessão de sistemas econômicos e sociais que terão como finalidade a abolição da propriedade privada e para a realização de um sistema de propriedade coletiva, ou o socialismo. Apegar-se a esta tese é a muitos oponentes do “revisonismo” e da social-democracia moderna, deve repetir hoje para a teoria o que valeu ontem para a doutrina: *ipsa suis pollens opibus* (poderoso em sua riqueza). Caso contrário, seria muito difícil declarar-se mesmo marxista, ou pró-marxista etc. Ou pelo menos, estudiosos de Karl Marx. De fato, rever brevemente a gênese do socialismo pode certamente se reforçar a utilidade da persistência na memória de incontáveis “correntes” que viria a fazer história: a elaboração mítica e científica e técnica do socialismo reformista dos mais atuais, até novas formas de organização, de poder e de governo. Para dizer a verdade, a isso, basta ler

uma pequena parte da produção interminável de livros em bibliotecas públicas e arquivos privados ou consultar enciclopédias eletrônicas, dicionários, livros e revistas começando com as várias páginas do famoso livro de Friedrich Engels dedicado a *Evolução do Socialismo da Utopia a Ciência*, que é uma publicação de três capítulos separados de *'Antidühring'* nascido em uma época de grande agitação social democrata. Mas que pode ter validade agora escrevendo um livro sobre um tema como este? Em uma era onde a social-democracia reformar-se? Todos deveriam fazer, a este respeito, a sua conclusão. O *punctum saliens* do discurso não é este: é lapalissiano.

O fato é que as origens do socialismo e da reflexão científica sobre ele pode reproduzir a descoberta de um sistema lógico tornado compreensível para os estudiosos pela passagem do tempo, em um mundo de idéias que se transformam próprio entorno do mesmo questionamento a centenas ou mais de socialismos ou marxismos, ou mesmo “pós-marxismo”: dos nossos antepassados até hoje. O que muda é a maneira como lemos Jean Jacques Rousseau e seu *Contrato Social* ou *Emílio*, sem evitar admitir que - eventualmente - em todas as formas de “socialismo” possível, mesmo as mais “Extemporâneas”, estes são um bom número desses cromossomos herdados (aqueles de *Emílio* são, de fato, mais libertários). É óbvio que estamos em um tempo muito distante e muito diferente daquele em que ele nasceu da idéia de sociedade baseada em contrato entre proprietários e agentes “soberanos” na presença de uma “autoridade” que vem de uma “vontade” para criar uma sociedade *a partir do zero*, formada por homens livres, iguais e (quem sabe!) também feliz. “Mas nós achamos que é difícil esquecer, especialmente o ‘ponto de vista’ sociológico, histórico, político e intelectual, próprio no que foi dito, ele oculta a gênese da idéia de igualdade que caracteriza as várias fases do socialismo até os dias atuais, a partir da democrática até a verdadeiramente revolucionária. E quanto ao desenvolvimento de uma genuína forma de sociedade igualitária nova na esteira da Revolução Francesa provocada por utopistas liberais, humanistas e “solidarista”, como Pierre Leroux, Henry de Saint Simon, Charles Fourier, Robert Owen naquelas partes da Europa, onde está sendo desenvolvido a Revolução Industrial (Inglaterra). Entre 1830 e 1848, bem além das conhecidas *imaginings* de Rousseau e, não só de progenitores *a la* Bartolomeu Prospero Infantin ou antepassados da Sociedade Fabiana e o laborismo moderno, como encontrados na França, autores como Victor-Prosper Considérant, Constantin Poequeur, Félicité-Robert de Lamennais, Philippe Joseph Buchez, reais “reformadores sociais” e os precursores da Rússia soviética e da China de Mao Tse-Tung. Antes de Marx é de Etienne Cabet a famosa declaração: “Para cada um segundo suas necessidades”, em seguida, retomado na *Crítica do Programa de Gotha* por meio da adição de ‘capacidade’, ‘forças produtivas’ e ‘riqueza’, e até mesmo o socialista doutrinário Pierre Joseph Proudhon (Marx o quer na sua “Liga Comunista” de Londres, filiada a- “Liga dos Justos” onde atua o trabalho de Christian Wilhelm Weitling com o igualitarismo comunista em 1846) antecipa com seus trabalhos e *oficinas* dos sindicatos e revela antes de Fevereiro de 1848, a natureza da propriedade e a existência de luta de classes. Como é bem conhecido pelos historiadores do marxismo, o Proudhon autodidata proletário exerceu algumas sérias dúvidas sobre a capacidade do estrito anti-dogmático ensinamentos de Marx. Além disso, suas obras e suas idéias ecléticas (o

que influenciou o trabalho de Lev Tolstói) foram estudados pelo Círculo Petrasevskij e se difundiu na Rússia, favorecida pela composição de camponeses da base social do movimento político, que expressa a defesa do desenvolvimento econômico de matriz pequeno burguesa; Proudhon, em 1866, sua nova teoria da propriedade será discutida em detalhe nas páginas do 'Kólokol'. Mas desde 1844, e até a saída dos livros *O que é propriedade* e dos *Sistemas de contradições econômicas - Filosofia da Miséria*, ambos de '46, o intelectual alemão de origem burguesa e de formação hegeliana Karl Marx, sempre respondeu ironicamente ao "amigo-rival", movendo a disputa para a filosófica com *Miséria da Filosofia*, um *pamphlet* em que Proudhon foi capaz de atacar com sua definição: "Marx não é que um verme solitário do socialismo".

Em todos os casos, serão as barricadas da revolução de 1848, que é proclamada a república, para engajar nesse movimento teorizado por Bianqui na esteira Babeuf, das sementes de um socialismo, entendido como o resultado de diferenças reais que é possível visualizar sobre os atos da Assembléia Constituinte em alguns dos mais significativos daqueles meses, que vão, por exemplo, da dissolução das Câmaras ao insediamento de Louis Blanc no governo provisório de Alphonse Louis-Marie de Lamartine, até a introdução do sufrágio universal e a reação "moderada"; eventos em que, no entanto, parece continuar a ser a melhor classificação (também para o contemporâneo neo-marxista) deixada por Marx em *A luta de classe na França* e o 18 de Brumário de Louis Bonaparte.

Durante estes fatos acontecem, além disso, historicamente um forte conflito entre a ideia de propriedade socialista e a ideia liberal que piora após '48. O mesmo horizonte do socialismo é alterado, após a repressão da Assembléia Municipal 68, os membros da esquerda revolucionária, conhecida como a "Comuna de Paris", que decorreu algum tempo após o estabelecimento do primeiro 'Internacional dos Trabalhadores', nascido em Londres em 1864 e caracteriza-se por trechos marcadamente proudhonianas. Não escapa a memória dos socialistas franceses e dos marxistas ocidentais que Varlin e Pelloutier, personalidades de destaque da Primeira Internacional, animado pelo alemão exilado Johannes Eccarius, acabaram por ser os fundadores daquele movimento operário, que surgiu a partir da tradição libertária, ou mais conhecido como anarquista proudhoniana. O próprio Marx acusa o Eccarius de "desvios" (que não é o "dissidente") antecipando, em certo sentido, o momento do leninismo-stalinismo e não só. Além disso, as ideias e o pensamento de Proudhon (coletados em uma grande quantidade de literatura) são suficientes para mostrar que circulam durante o curso dos acontecimentos da Comuna de Paris, e, antes de desaguar no recebimento do fanatismo teórico de Bakunin e Piotr Kropotkin. Como é conhecido principalmente para os historiadores do anarquismo, Marx critica duramente Bakunin, pintado em uma disputa sobre "libertarismo" e pouco antes de sua aposentadoria na propriedade do italiano Carlo Cafiero no Lago Maggiore (1873), como um espião do poder czarista. Deste, o legado de Bakunin foi capaz de desencadear a vertente violenta do anarquismo e do terrorismo do século XIX, o que outros precursores como o Inglês William Godwin, o alemão Max Stirner e mesmo Proudhon não foram capazes de iniciar enquanto não houve interessados, talvez, a construir sobre a psicologia da comunidade. Os ataques contra presidentes, ao parlamento, aos deputados e governantes

como a rainha Elizabeth da Áustria e Umberto I mostram o oposto.

Por seu lado, os eventos da Primeira Internacional, continuam a ser acompanhadas pelas divisões e contrastes típicos da história do socialismo, que tem sido mencionado: em 1872 após a separação da “Aliança da Democracia Socialista” claramente inspirado por Bakunin, o Internacional chega à América, onde se realizou sua última conferência (Philadelphia, 1876). Desde aquela época, o socialismo foi capaz de mostrar-se “nacional” com Jules Guesde na França, que em 1879 fundou a Federação dos Partidos dos Trabalhadores Socialistas alguns anos antes do “Labour Party”, com Lassalle na Alemanha e de Georgi Plekhanov na Rússia, ambos os instigadores de uma concepção social-democrata; enquanto que do ‘ponto de vista’ teórico e científico as barreiras nacionais já foram ultrapassadas nas páginas do *Manifesto* de 1848 e na divulgação do trabalho feito por Marx entre 1854-1867 e dedicado à escrita de *O Capital*. Nestas obras Marx espalha na Europa e no mundo o “espectro do comunismo” e ainda mexe com alguns “adversários” modernos e mostra - talvez pela primeira vez - o que a economia poderia operar uma subversão da filosofia durante a utilização do seu próprio raciocínio dialético; era evidente nos escritos já fragmentados sobre alienação de 1844, conhecido como *Ökonomische-Philosophische Manuskripte* e inéditos até 1932. Em 1867, Georg Wilhelm Friedrich Hegel ainda executa a sua função enquanto o socialismo humanitário (o *Christianisme Nouveau*, assim por dizer) é substituído: a luta de classe historicamente muda sua aparência. Após o fracasso da Primeira Internacional, nos anos 1870-1890, a ação do movimento revolucionário socialista e trabalhista poderia guiar-se em torno da realidade para a qual seria uma espécie de disputa acirrada por Marx; nesses anos testemunharam o nascimento dos vários partidos socialista na Bélgica, na Áustria e a última na Itália (1892). Abriu a série de partidos o Partido Socialista alemão (SPD) que, em 1875, após o Congresso de Gotha, implantado dentro de uma linha puramente marxista, mas do tipo reformista estadista, como relatado por Marx em seu ensaio *Kritik des Gothaer Programms* publicado por Engels em 1891; na Inglaterra, o “Labour Party” nascerá oficialmente em 1900, enquanto que na Espanha e Holanda também são organizadas na sequência da recuperação econômica de 1874, que tende a refutar as previsões de Marx na íntegra sobre o destino do capitalismo Europa. A historiografia destes eventos é complicada. De fato, refletindo sobre o nível de período de análise de 1870 a 1915-1918 é possível admitir que o socialismo dos “socialismos” é diversificado em uma infinidade de ramos da qual muitas vezes se referem às mesmas origens. Os mesmos membros do Partido Socialista Italiano, que nasceu em 1892, depois a cisão de 1921, o grupo rompeu em Livorno para formar o Partido Comunista da Itália, vai encontrar nele um aliado comum e forte por várias oportunidades para atender política e estratégica; por outro lado, muitos socialistas vêm, com o passar do tempo, até mesmo a negar que eles pertencem à mesma árvore marxista etc. Até então, no entanto, valia o discurso das ‘faixas’. Assim, a tendência de Proudhon é dividida entre os “Federados”, o sindicalismo revolucionário a *la* George Sorel, a Confederação Francesa de Trabalho ou CGT, e ainda passa por Bakunin a Luis Michel, do anarquismo da “le Revolte” a *fin de siècle* e, mais uma vez, os proudhonianos se espalham nos ramos que se encontra na Primeira Internacional até o encontro com o ramo marxiano que dá lugar ao nas-



cimento de vários partidos socialistas (POSR, FTSF, FT, POF, USR), os seguidores do velho Blanqui em 1898 constituem o “Partido Socialista Revolucionário”, uma vertente claramente marxista, e concluir uma aliança de intenções com a tendência de radicalismo (com o assim chamado “Comitê Socialista de Entendimento”). O Radicalismo recolhe na sua área os republicanos veteranos acompanhados por seus primeiros confrontos dos socialistas em 1848. Esta última tendência levará à “Federação dos Independentes Socialistas”, que se transformou em ‘Confederação’ após a entrada dos republicanos de “esquerda” de Jean Jaures, e no “Partido Socialista Francês” em 1902 e, finalmente, o “Partido Republicano Socialista”. Chegamos a Segunda Internacional (1891) e o tempo do SFIO. Época marcada, em grande parte, por ‘divisões’ e brigas entre recém nascidos partidos nacionais. Na verdade, com a Segunda Internacional - que foi precedida por um congresso organizado em Paris pelo Guesde e Paul Lafargue (genro di Marx) - o socialismo parece tornar-se mais concreto em sua própria análise científica, e estava desenvolvendo uma tendência a reformulação da teoria marxista, portanto, tornam-se adaptáveis as várias realidades de desenvolvimento político econômico. É o alvorecer do “revisionismo”. E até mesmo o “híbrido” nasceu a partir de mistura de marxismo e da “crise” em contextos localizados, por exemplo, os países dos Bálcãs e regiões na Ásia; ou em situações onde o trabalho político é acompanhado pelos membros clandestinos e as várias tentativas dos revolucionários de “tomada do poder” com verdadeiros “golpes”. Estes eventos se assemelham ao socialismo de Daniel De Leon na América Latina ou aos japoneses de Sen Katayama.

A guerra de 1914 coloca uma pressão sobre o internacionalismo da classe operária e mesmo o destino da Segunda Internacional, reunido em Bruxelas para mobilizar as massas socialista contra o conflito. Após o executivo e o assassinato de Jaurès, em Zimmerwald em 1915 e Kienthal em 1916, reuniram-se os sobreviventes da luta contra o declarado ‘massacre dos trabalhadores’: juntamente com Lênin estavam os italianos Giuseppe Emanuele Modigliani, Camillo Prampolini e Giacinto Menotti Serrati (o que Lênin, muitas vezes “confundiu” com Filippo Turati). A reunião durou até 1917 (Estocolmo). Com o “Manifesto” contra a guerra da esquerda “Zimmerwaldiana” o destino da Segunda Internacional Marxista e solidário com o proletariado foi marcado como um evento que ninguém previu tão próximo: a revolução leninista.

Fundada como uma revolução democrático-burguesa, ela pegou o esforço de Lênin para se opor as novas categorias de análise bolchevique a administração de Aleksandr Fedorovic Kerenskij em uma tentativa de aproveitar ao máximo o conceito de Marx de “ditadura do proletariado” atualizado, essas questões foram discutidas no Sexto Congresso do partido, antes que Lênin assumisse a presidência do Conselho de Comissários do Povo. Em 1919, a Terceira Internacional (Comintern) decidiram unificar os partidos comunistas de todo o mundo e fomentar a revolução.



### 1.3 - A CRÍTICA AO CAPITALISMO CLASSICO

A atualidade da transferência contínua de reflexão crítica e sociológica, desde o início do socialismo levou à afirmação da prática do marxismo mais ou menos ortodoxa e também o aspecto metodológico de alguns novos pensamentos sobre a produção de teoria e ciência marxista, parecem fornecer toda uma gama de informações úteis para os estudiosos traçar o longo caminho para as gerações contemporâneas da gênese da grande tradição ocidental. O risco, em nossa opinião, não é mais do que a expressão *obsoleta verba*. Por outro lado, há muitos que têm apoiado esta maneira de interpretar a validade do marxismo apenas em termos da ciência dos economistas, com base nas fontes da primitiva a clássica economia política que, em certo sentido, era uma obsessão para Marx, até a sua análise das fontes de produção de terras ao lado das relações sociais historicamente decisivas. Um argumento similar pode ser gasto rapidamente para a teoria de classes, aqui vale à pena e novamente explico a seguir. O objetivo é mostrar como a ligação entre a teoria econômica de classes e a determinação de uma organização social (e, gradualmente, também política) das relações historicamente dadas, mostram os materiais e produtos cientificamente disponíveis. Para Marx, a classe parece consistir de um grande grupo de indivíduos que se encontram em uma posição igual no sistema historicamente estabelecido de produção social e têm a mesma relação com os meios de produção, ocupando a mesma posição na organização social do trabalho e, portanto, obter bens sociais, na mesma medida e ter partes idênticas à sua divisão. As aulas são relacionadas ao aparecimento da divisão do trabalho e o surgimento de diferentes formas de propriedade: a posse ou a falta dela ou de um imóvel privado pode levar a situações dicotômicas. O fato de que numa sociedade há posições diferentes dentro do sistema de produção, no entanto, é uma condição necessária, mas não suficiente para a formação de classes. A classe, no entanto, participa da luta política como se fosse um grupo organizado de seguidores que tem pleno conhecimento em relação a determinados objetivos e interesses determinados a defender. A teoria dada aqui está sujeito a críticas e contestações por esse ângulo: por exemplo, teóricos do conflito como Ralph Dahrendorf propõe para alterar a propriedade (ou posse ou não) com o exercício da propriedade econômica (ou o não exercício) de autoridade política, como um critério de distinção da definição de classes, etc. O número de questões importantes, sem dúvida, merece uma pesquisa mais detalhada, embora a substância do discurso parecesse indicar, talvez, uma maneira mais conveniente para a sua continuação, e é isso que muitos estudiosos da sociologia e da sociologia política têm atravessado o “ponto de vista” da produção de uma história do pensamento político moderno e contemporâneo, o que acaba por ser em certo sentido, uma história “imaneente” para os «produtos» intelectuais. Assim como é a teoria do Estado, do que foi discutido brevemente ou a série de teorias da revolução, etc. E não só. Deve ser lembrado que os «produtos» intelectuais parecem ser diferentes, embora relacionados a algumas teorias originais como, por exemplo, as teorias do imperialismo de Rosa Luxemburgo, Rudolf Hilferding e Lênin só pode ser considerada sob certos desenvolvimentos na teoria marxista; *Idem deve* ser afirmado para as muitas diferenças entre Marx e Engels e as teorias marxistas, mais recentemente,

nos anos 60 e 70. Mas o mesmo pode valer para a historiografia ortodoxa das origens do socialismo e autogestão, teorias que vão desde o *catechismo der industriels* de Saint Simon, o ‘mutualismo’ Proudhon: «produtos» ligados a seguintes experiências práticas como a Argélia, Iugoslávia, Polônia e Tchecoslováquia, bem como portadores de uma versão (a “terceira via” chamados para o socialismo) é antitética para o “coletivismo” marxista e leninista ou em relação à social-democracia reformista: em essência, umas premissas novas e importantes sobre o futuro do concurso visão do socialismo Leonid Brezhnev, de Leste a Oeste (H.D. Schimidt).

Em todo caso, não melhor do que os teóricos marxistas combinaram intelectuais entre a necessidade do homem de pensar cientificamente, a fim de transformar a realidade, assim como as famosas teses de Marx em resposta a Ludwig Feuerbach que, junto com Hegel (que reprovou a incapacidade grande para explicar a natureza), pode ser considerado outro dos precursores do pensamento marxiano. As questões históricas e filosóficas e históricas que atravessam o marxismo são, portanto, um número infinito, porque eles são relacionados com a interpretação dos muitos ‘inovadores’ e críticos da cultura ortodoxa. Muitos desses, eles teorizaram durante o século XX, somente os eventos traumáticos do século passado, enquanto outros têm respondido bem às relações extraordinárias e conexões das pessoas com as mudanças que ocorrem nas mesmas filosofias e as ciências humanas, sociais e políticas. As categorias intelectuais da “modernidade” e uma suposta “pós-modernidade” estão para distrair os rigores de filólogos e estudiosos da “escola clássica” em economia, para não mencionar que, em certo sentido, os primeiros críticos do marxismo eram seus próprios fundadores. Assim, pelo menos, lemos nos livros. Vários estudiosos, escritores e historiadores políticos sempre especularam sobre a afirmação do argumento de Marx de que ele gostava de repetir a seus interlocutores ‘ne suis pas marxista!’ Próprio Engels, para republicar algumas das *obras* de Marx, a França revolucionária, em 1895 escreveu uma Introdução que provoca a reação no mundo ortodoxo como é afirmado que a forma como nos relacionamos com os detentores de capital deve ser radicalmente alterado: a história mostra que seriam errados em levantar apenas as barricadas. No entanto, com a morte de Engels, os marxistas mergulharam em um negócio genuíno, tanto que o movimento se quebrou. Entre o final do sec. XIX e da Primeira Guerra Mundial na Alemanha e na Áustria, nasce uma tendência “revisionista”, que teve como representantes oficiais Eduard Bernstein, Karl Kautsky e Otto Bauer (o último anti-bolchevico como Max Adler) e alegou uma espécie de “parlamentarismo” e “reforma” que levaria a uma conquista gradual do poder no estado, e defendeu a necessidade de considerar a história como um conceito entre evolução e moral do pró-ativa como no quadro de referência filosófica que defendia um retorno a Immanuel Kant. Em particular, o *leader* do Partido Social Democrata alemão, Bernstein (que tinha entre seus seguidores e desertores liberal russo Piotr Von Struve como e Mikhail Ivanovic Tugan-Baranowsky) se transformou em uma análise crítica de Marx, em sua opinião, não poderia aproveitar a futura transformação do proletariado, já nos países capitalistas onde a propriedade, estendido para mais pessoas, e criaria benefícios, não só empobreceu as massas de trabalhadores. Fato é que, de acordo com Bernstein, a capacidade de mudar a empresa estava realmente muito longe de ser uma prática re-

volucionária conduzida “de fora”: para ele, as condições de uma mudança foram estudadas e preparadas dentro do sistema. As ideias e os escritos de Bernstein, dificultado em certa medida pela ortodoxia, fortemente contestada na fórmula de ‘parlamentarismo’ do francês Sorel, fundador da prática do “sindicalismo revolucionário”, foram quase coincidente com a revolução que eclodiu na Rússia em 1904-1905; nos anos de guerra se preparou a revolução de 1917 até a mudança do sistema político com o pensamento e a disseminação de intelectuais marxistas. Sua presença decretou o fim da gestão na Ásia da centralização do poder, produzindo um salto de quase dois séculos para a Rússia dos camponeses, a partir do Iluminismo europeu. De acordo com muitos desses intelectuais, alguns deles foram absorvidos em uma posição difícil, mesmo se os chamados “revisionistas”, a criação de desenvolvimento industrial na Rússia, teria significado a possibilidade real de implementação da revolução proletária na história. Georgi Plekhanov argumentou justamente essa tese, em que sintetizou os ensinamentos do marxismo, sobre a evolução histórica. Aleksandr Bogdanov o repreendeu, dizendo em sua análise sobre a mesma necessidade de “fazer tudo imediatamente”; o que teria significado, e especialmente a partir da perspectiva de uma tradição ortodoxa, o ato de fé e não ciência: comparar o desempenho real de ação para uma estrutura que salvaguardar as conquistas revolucionárias. Por outro lado, os marxistas e “revisionistas” da Segunda Internacional (que dura além de 1914) como o mencionado anteriormente Karl Kautsky, autor de *A concepção materialista da história*, a centralidade do tema proposto para a gênese da inevitável “crise de guerra” que aumentaria os conflitos pós-guerra e todos os problemas relacionados com a reconstrução. Parvus (Alexander Gelfand) antecipou a grande Guerra Mundial, a partir do qual a burguesia seria perdedora. Muitos dos expoentes de um “centro” da Igreja Ortodoxa também poderiam ser criticados em função da evolução real da crise iminente da social-democracia e do capitalismo. Rosa Luxemburg (assassinada com Karl Liebknecht, em 1919) foi também crítica do “revisionismo”, juntamente com August Bebel e tentou explicar de uma visão estritamente marxista (com diferentes posições gradualmente em direção à URSS), a crise capitalista através do estudo de acumulação de capital. Em sua opinião, a realidade do exame de Marx do mercado, não é refletida em qualquer lugar do mundo, onde não era para examinar teoricamente a produção de mais-valia nos países onde o capitalismo é inexistente. Daí a distinção entre os mercados internos e externos. Na prática, o capitalismo teria áreas economicamente atrasadas, tanto a saturação para vender seus produtos e comprar a baixo custo de trabalho e matérias-primas. Capitalismo para Luxemburg terá de considerar essas áreas como seu ponto mais fraco e podem ser reconhecidos em excesso (exceto no caso da produção de armas), então, os países pobres podem um dia virar contra os países capitalistas, em uma consciência preparada pelas ‘esquerdas’. A vanguarda revolucionária, na opinião da teórica polonesa, não pode ser constituída por agricultores, os tribunais nacionais e reacionários. Foi Vladimir Ulyanov II’ic, mais tarde conhecido como Lênin, o marxismo no Ocidente a introduzir uma espécie de voluntarismo capaz de criar uma síntese de novas situações (incluindo a guerra), que levaria à realização revolucionária de fato; para fazer isso, Lênin, as idéias de Marx submeteram a uma comparação brilhante com a realidade historicamente dada de

outros, como do alemão e dos czares russos, embora admitindo que uma certa vontade já estivesse em embrião no seu pensamento. Além disso, ele foi capaz de fornecer uma estrutura capaz de conter o potencial para mudar a sociedade: o partido político. No livreto *O que fazer?*, que leva o título do romance de Nikolai Cernyscèvskij Gavrilovic, Lênin explica o que é realmente o partido. O corpo pequeno e a vanguarda de revolucionários vão viver em constante conflito da oposição com o estado, pronto para suplantá-lo. Lênin critica Marx do fato de que estes não tinham sido capazes de indicar quem deve liderar as ataxias populares para ter uma consciência de classe; para ele, esta tarefa é mais clara se ele é impulsionado por uma visão maniqueísta do partido, ao quais todos os outros interesses devem estar subordinados do partido, incluindo os militares (sindicatos, etc, para Lênin - e de Rosa Luxemburg - uma tarefa muito diferente, no período histórico que define o imperialismo ou fase do capitalismo). O Outubro Vermelho de 1917 pode ser considerado, de acordo com o líder carismático dos bolcheviques, a revolução liberal, e isso são, no entanto, para Lênin para dar alguma base histórica para a revolução proletária. Desde então, as lutas entre proprietários de capital e os trabalhadores devem ser alargada num quadro de lutas internacionais, o mesmo partido nacional não é que uma seção do Partido Comunista Internacional. A morte de Lênin (1924) marcou uma época de profunda crise no seio do movimento marxista e no desenvolvimento das mesmas ideias do internacionalismo proletário: os seus sucessores foram personalidades muito antitéticas que foram capazes de desenvolver suas posições teóricas mais ou menos 'ortodoxa' sobre o futuro do partido e da empresa revolucionária. Além disso, a revolução de '17 desenvolveu 'correntes' de intelectuais 'Dissidentes' dentro da dual contraposição entre os ortodoxos marxista e os comunistas-leninista; a partir de Yuly Martov, que elaborou caso de remoção do bolchevismo o mais longe dos princípios do marxismo, para Nikoiaj A. Berdyaev, que foi convertido e tornou-se um filósofo da religião, juntamente com outros intelectuais que se colocaram do lado das posições mais críticas de Marx.

Mesmo Leon Trotsky, que contribuiu mais do que qualquer outro na revolução de 1917 ao lado de Lênin, acreditava que a definição do tipo marxista em grande parte profética; ao proletariado faltam substancialmente não uns partidos ou intelectuais, mas armas: assim, uma crise de governo poderia ser resolvida apenas pelas armas. Sem a Primeira Guerra Mundial, na opinião de Trotsky, a Revolução Bolchevique não teria sido realizada, devido à falta de enfraquecimento do leal militar para o czar e da fratura com os não-crentes; enfraqueceria o Exército, de fato, favoreceu a intervenção do partido. As crises políticas são dominadas por um dualismo de poder, reproduzido na Revolução de Outubro: a nova tarefa dos revolucionários é para quebrar o isolamento de segurança, interna e preparar a "revolução permanente" em uma estrutura agora global do comunismo. O perigo do isolamento da URSS também é alertado por Nikolai Bukharin, definido por Lênin "inteligência profunda da União Soviética", ex-diretor do 'Pravda', um dos maiores economistas dos anos 20, condenado à morte nos "expurgos" de Stalin (iniciado em 1934, quando foi assassinado Sergei Kirov, o chefe do Partido Comunista em Leningrado) e ser responsabilizado pela crise econômica terrível de 1927. Bukharin, que mais tarde foi reabilitado por Nikita Khrushchev Sergeevich na época, pediu um amplo acordo com os socialistas de outros países nes-

ses países e assumiu o papel das classes camponesas. Seu “marxismo com um rosto humano”, consistia de forte promoção de suporte para as classes camponesas que permitiria a classe trabalhadora de um certo nível de desenvolvimento e aumento de consumo de produtos da indústria. Ao contrário do socialismo de Bukharin, Iosif Visarionovič Stalin poderia considerar a URSS só na frente do processo de industrialização que poderia se transformar em uma grande potência nuclear e, assim, expandiu os limites do socialismo real, mesmo em seu favor por orquestrar a Segunda Guerra Mundial (alta). Stalin foi o guia para o povo russo contra o fascismo nazista. Recém nomeado Secretário Geral do Comitê Central, juntou-se Gregoriy Evseevic Zinovev e Lev Borisov Kamenev (troika) transformando seu escritório em um trampolim para reforçar o seu estatuto após a morte de Lênin, que não confiava; como sabemos, os rumores já estavam circulando em seu testamento político para o XIII Congresso do Partido, em maio de 1924, mas o Politburo tinha decidido ficar calado e não torná-la pública. Em 1928 começou a era do “socialismo num só país”, que é identificado com a história da URSS. A idéia remonta a 1925. Stalin pôs fim à NEP (Nova Política Econômica) aprovado com base numa proposta de Lênin para o X Congresso do Partido em sucessão a intransigência do “comunismo de guerra” e no meio de uma fome de 1921 - com sua coletivização e mecanização da agricultura (substituindo fazenda cooperativa ou *kolkhoz*), o comércio privado suprimindo (*kulaki*) e lançar o primeiro de seus planos de cinco anos (1928-1932), que favoreceu a indústria pesada, um segundo andar agarrado entre 1932 e 1937 e progredir ainda mais, eles também poderiam ser interpretados como experimentos econômicos da mais alta ordem no mundo moderno e, como tal estudos relatados na teoria econômica e economia marxista como o *Piannication Soviétique* de Charles Bettelheim, que é de 1939. O objetivo de Stalin, que conseguiu construir uma forte posição de poder através do qual ele poderia liquidar seus oponentes e até rivais dos bolcheviques velhos (aos citados Kamenev e Zinovev a Pjatakov, Kari Radek e G. Sokoinikov, da Bucharin e Aleksej Rychov a Genrich Gavrilovič Yagoda e a Michail Nikoiaevič Tuchaëvskij), privando assim também uma “Armada Vermelha” de seus comandantes era para repetir a ação do Partido Comunista como uma reformulação de uma questão teórica de níveis “patriótica” e nacional.

Trata-se notar em seus escritos de estréia *Marxismo e a questão nacional* e no trabalho *Sobre materialismo dialético e histórico*, que discute as questões de leninismo dogmático; até obras de Stalin cumpriram uma subversão das idéias teóricas de Marx, sujeito a um enrolamento progressivo juntos com conceitos como, por exemplo, o “asiático” (lembre-se o trabalho de Karl A. Wittfogel, *despotismo oriental*) ou outros, que teria permitido uma série de concessões perigosas.

Após a morte de Stalin (1953), parecia que o Partido Comunista marchou cegamente em uma espécie de “revolução de cima”, no qual, no entanto, mesmo os maoístas da revolução chinesa (que termina em 1949) são plenamente reconhecidos. O mesmo Mao Tse-tung, o arquiteto - até os anos 60 - de uma revolução antinacionalista político e cultural, ele aprendeu mais por Lênin e Sun Yat Sen, que por Stalin. Para a Sun, o socialismo não é competitivo desde o início, como pode ser o liberalismo, especialmente onde as tradições continuam a ser um povo camponês. É nesta direção



que irá reviver o materialismo dialético de Mao, como observou em seu ensaio “as contradições”, que concilia a maturidade para Marx.

Após a morte de Mao Tse-tung na China irá iniciar um processo revisionista da ortodoxia e, como tal, é revivido pelo comunismo do “soviético” em contextos históricos concretos. Alguns dos escritos publicados em 1976-1977 nos “Cadernos” e revista ‘Vento Leste’ foram mostrados essas mudanças. Na verdade, as alterações introduzidas pelas ideias políticas dos intelectuais europeus sobre o marxismo correm paralelas à expansão do fenômeno do capitalismo; isso é cada vez mais se você acha que depois dos anos 30 dos EUA, o contexto em que muitos pensadores políticos encontram abrigo, devido à depressão de ‘29 e no final das democracias liberais na Europa. Sua diáspora coincide com a difusão de ideias dos EUA de ‘esquerda’. Os autores aceitam que Marx, principalmente no plano sociológico, afetados pela cultura inglesa de 800 que carregam o método dialético como seriam seus teóricos e muito individualista. A crítica da economia mista praticado por Theodore Roosevelt após a grave crise de ‘29 e o desenvolvimento de uma consciência neo-iluminista certos na obra de John Dewey, os EUA sugerem que a livre concorrência no desenvolvimento de nossas ideias, louvando a liberdade social, acompanhado da crítica do sistema do leste operado por Herbert Marcuse e a maturação de análise, tais como as realizadas por Joseph Schumpeter em *Capitalism, Socialism and Democracy*.

Segundo Schumpeter, o socialismo vai substituir o capitalismo, em longo prazo, como promoverá uma maior maturidade, mas a transição não será revolucionária, como indicado por Lênin em substância. A união pode jogar uma ação-chave, e assim, conforme exigido por diferentes práticas econômicas e salariais, que identifica novos componentes no trabalho e ações dos indivíduos. Marcuse também reavalia os problemas do trabalho como uma expressão existencial do homem; ao contrário do que é, o intelectual alemão Karl Korsch tentando exportar para o contexto americano de “conselhos de trabalhadores” dos anos 30, para contrariar a força trabalhadora para o novo capitalismo, depois de ter fundado uma espécie de “crítica marxismo” com George Lukács ou culturalmente conhecida como “ocidental”. De um lado, o mesmo Korsch, o marxismo vai anexar à função crítica da possibilidade de absorção dos problemas teóricos inerentes as posições a tomar contra o desenvolvimento do capitalismo e contra a crítica da burguesia. Por outro lado, Lukács, com seu reflexo no curso da relação entre capitalismo e socialismo foi capaz de promover os resultados da direção do processo histórico, o mesmo que seu pupilo será Agnes Heller com base nas necessidades éticas do assunto e não mais em conceito de Marx sobre a necessidade (*A teoria da necessidade, em Marx, 1968*). Como é sabida, a situação peculiar no “mundo da necessidade” aplica-se à classe trabalhadora na sociedade capitalista. Mais especificamente, Marx utiliza o conceito de alienação em seus primeiros escritos, em que a mistura de idéias faz análise filosófica e sociológica frequentes. Ele ocupa estes temas na Seção 1 (Capítulo 1) do primeiro livro *O Capital* dedicado ao “produto” e a distinção entre *valor de uso* e *valor de troca*; outras especificidades devem ser levadas em conta se pensarmos que as revistas *Resumo* de 1868 de Engels e *A forma de do valor* de Marx, que é no momento da publicação da primeira edição das legendas como *Crítica da Economia Política* (1867) como parte de «Apêndice» e

que, posteriormente, tornam-se desde a segunda edição de 1873, o terceiro parágrafo do primeiro capítulo: “A forma de valor ou valor de troca”. Como diz Marx: “valor de uso ou patrimonial tem *valor* só porque é *objetivado* ou *materializado* o trabalho *abstrato* humano “. A alienação do trabalhador é o destino que ele não possuía os meios de produção que você precisa e incapaz de exercer qualquer controle sobre ele, o trabalhador vende sua força de trabalho em troca de salários que tira o sustento. O proprietário-empresendedor, por sua vez, tende a expropriar o trabalhador do produto do seu trabalho. É evidente que a alienação está na raiz do conflito entre as classes na sociedade capitalista, e se torna o assunto para uma série de discussões entre os escritores que seguem obra original de Marx. Depois de Marx, Lukács estuda principalmente o problema da relação entre consciência e aspectos objetivos de alienação na situação: ele fará uso extensivo de “reificação”, entendida como uma espécie de domínio espiritual de produtos materiais sobre a atividade do homem na sociedade capitalista. Este relatório tem como objetivo fornecer uma base objetiva, como em Marx, um aumento no conflito de classes, em um contexto onde não só o fim de alienação pode coincidir com a liberação do homem do trabalho, mas, com todo o tipo de trabalho também pode assumir a forma alienação, como defendido pelas teorias de Georges Friedman. Theodor W. Adorno, no entanto, emprega a alienação como termo para caracterizar uma situação de não atingir o mínimo ‘standard’ de clareza na tomada de decisão na sociedade capitalista, o próprio uso do conceito como “falta de poder” pode ser abordada de muitas maneiras e distinção por Karl Mannheim operado entre a “racionalidade funcional” e “racionalidade substancial” e deverá aumentar o primeiro, até o segundo dele na sociedade contemporânea que cada vez mais organiza seus membros em relação à implementação de propósitos mais eficiente. A este respeito, deve-se notar que Weber implicitamente incorpora o conceito ilustrado por Marx e estende-se a grupos sociais: os soldados, cientistas, trabalhadores e intelectuais.

Será, no entanto, o apoio de Heller, mais tarde, uma crítica do paradigma da produção em posições gradualmente de Marx do que a busca da centralidade do trabalho na sociedade capitalista. Para o expoente da escola em Budapeste, o significado do marxismo é proporcionar uma nova ideologia para o socialismo e para abolir o direito subjetivo de alienação, causada pelo desenvolvimento de uma nova realidade social. Nos anos 60 e 70 a formulação de uma “teoria das necessidades”, em vez de uma “filosofia de necessidades” na era do capitalismo, Heller prosseguirá uma espécie de teoria marxista através do enriquecimento do concerto mais moderno da vida “diária”, que, como relatado em seu livro *Para uma teoria marxista do valor*, encontra seus antecedentes em pensadores marxistas, como Henri Lefebvre, Kosik e mesmo Lukács. Como ele escreveu no início dos anos 70 em seu prefácio para a *Sociologia da vida cotidiana*, Heller seria capaz de fazer uma reflexão vital na “gênese e no futuro da prática social”, que é o da sociedade de capitalismo mais avançado. “Ao longo deste caminho, sua tese vai se reunir com a ‘teoria da ação comunicativa’ de Jürgen Habermas, já no trabalho *A crise da racionalidade no capitalismo maduro*, pesquisa a validade da aplicação da teoria marxista das situações de crise agora sujeitos uma mudança profunda.





## II - A HEGEMONIA DAS CORRENTES

### 2.1 - INTRODUÇÃO

Desde a morte de Stalin, na empresa de construção do socialismo no Oriente, de meados dos anos 60 até a hegemonia do marxismo, foi travada principalmente entre as correntes após o que está levando na reflexão de estudiosos: o maoísmo e o conceito desenvolvido pelo Partido Comunista de Moscou, ou seja, que para alguma idéia e, em parte, pode parecer com a velha alemã socialdemocracia; marxismo “ocidental” predominantemente expresso pela Escola de Frankfurt, como é conhecido, teve uma grande influência o movimento estudantil dos anos 60, o escopo mais restrito e filosofia da ciência é, no entanto, a tendência de ‘estruturalista’ chamado marxismo de Louis Althusser para entrar em controvérsia com versões ‘historicista’ de interpretações. Vamos examinar brevemente os dois primeiro e mais analiticamente a cena. Os eventos do maoísmo se entrelaçam com a invasão da China pelos japoneses em julho de 1937, no entanto, com os acontecimentos de que a guerra (1937-1945), bem como com os efeitos gerais da revolução chinesa, que termina em 1949, ano em que Mao Tse-tung proclamou a República Popular da China em Pequim. A experiência da Segunda Guerra Sino-Japonesa (que decreta a crise do Kuomintang) vai pesar mais do que um pouco sobre suas próprias escolhas, “revolucionário”, estratégico e político-teóricos futuros feitos pelos maoístas contra uma parte do estilo soviético marxismo-leninismo e liberalismo burguês do Ocidente. Em contraste, em 1958, em Cuba, Fidel Castro (que venceu no ano seguinte o presidente Fulgencio Batista - no poder com um golpe de Estado em 1933) pediu e obteve a proteção do governo comunista em Moscou, o mesmo que, anos antes, tinha reconhecido a independência do Vietnã do Norte, em Ho Chi Minh, que vai *viver* até 1969. O presidente da *China* Nacionalista Chiang Kai-shek e Mao vão morrer dentro de um ano um do outro, enquanto Chou En-lai, o primeiro-ministro desde 1949, desapareceu em 1976. Sua morte irá reabrir a luta no partido até a demissão de Teng Hsiao-ping com Hua Kuo-feng. A relação entre o comunismo e a ação dos *maoístas* será marcada por garantir uma fé transmitida para a futura geração do *corpus* doutrinal do pensamento de Mao, que deve conter a chave para todas as atividades humanas, da ciência e da indústria, até lições úteis para ganhar um jogo de ping-pong, enquanto delineando o peso do novo horizonte e possíveis cenários onde a política internacional, relações econômicas entre China e Japão moderno pode desempenhar um papel decisivo. Na União Soviética, os efeitos de denúncia de Khrushchev de 56 em crimes de Stalin e os desvios são sentidos especialmente na Europa Oriental desde 1945 formou o primeiro bastião da URSS para o Ocidente. A Pozna, na Polônia, não houve incidentes em 1956. Assim, na Hungria, depois de anos de mau governo surgem os magiares contra os opressores, que com a ajuda das forças soviéticas esmagaram o levante no sangue. O período após a Se-

gunda Guerra Mundial e a “Guerra Fria” usa tais perigos, bem como derivados do avanço dos comunistas no mesmo ano do nascimento do “europeísmo” em primeiro lugar, ano em que mesmo o Vaticano parece justificar sua *política de Ostpolitik* como uma espécie de diálogo com os países comunistas da Europa Oriental. Por sua parte, iniciada por Khrushchev o “de-desestalinização” vai deixar o cargo como primeiro-ministro e secretário do Partido Comunista em 15 de outubro de 1964, depois de sua remoção para substituí-lo no topo do poder da Aleksej Nikolaevic Kosygin (primeiro ministro) e Leonid Breznev (novo secretário do PCUS), cujas políticas desencadeadas após os “fatos” da Hungria e em Praga, a ocupação do Afeganistão em 1979. A democratização lenta do socialismo (“e o reconhecimento do socialismo incompleto”) parece ter paralelamente lugar para sobreviver métodos de Stalin de governo, *ou seja*, o processo de simplificação e interpretação das idéias de Marx e Lênin que tinha caracterizado a ideologia do Estado burocrático “nova classe” soviético, já na era da Stakanovism (era 1938) Trotskij, criando a Quarta Internacional depois de seu exílio da URSS, tinha atacado o stalinismo com uma “afirmação” que não foi totalmente partilhada, acusando-o de ser a “degeneração” do socialismo, especialmente no “colapso” de seus vértices, iguais aos de um estado capitalistas. Trotsky morreu em 1940 (assassinado por ordem de Stalin pelo comunista espanhol Mercader) a questão da “degeneração” do sistema soviético traz divisão entre marxistas e os membros nasceu a Quarta Internacional, e “Socialismo ou Barbárie” o grupo, representado por Cheulleu-Castoriadis, o Grupo apoiou a degeneração “tese” trotskista do comunismo soviético no sistema burocrático e encontrar adeptos do italiano Bruno Rizzi (que propôs a análise na década de 30 o assim chamado “coletivismo burocrático”), em Pierre Navile, Burnham, Rakovsky e Schachtman . Na década de 50 a burocrática do chamado “abuso” foi reconhecido pelo yugoslavo Milovan Gilas e por esse motivo ele foi preso por Josip Broz, conhecido como Tito. Mas muitos intelectuais e “novos filósofos” dos anos 60 e 70 (como, por exemplo, Bernard Henry Levy) é questionada sobre os problemas que Rizzi e ex-trotskistas foram discutidos em segredo: nas palavras do cientista político Luciano Pelicans entre os marxistas, a inquietante pergunta, em seguida, levantou-se sobre as semelhanças sociológicas entre fascismo e o stalinismo. O fato de que o debate sobre a centralização do Estado soviético, duradouro e ainda continua entre os marxistas e os netos da era Stalin, mesmo quando procuram defender a memória histórica de suas nacionalidades diferentes - agora quebrado - uma base sólida que eles possam manter-se dentro do universo e do comunista, no entanto, o socialismo de moderno e contemporâneo. O resto é história. O desaparecimento do velho Breznev em 1982, após o Congresso XXVI do PCUS e da criação de mais uma lei marcial na Polônia, marcando a sucessão do Júri Andropov, Chernenko Konstantin e Mikhailovich Gorbachev (eleito em 1985) para o secretário-geral do partido. No XXVII Congresso do PCUS, Gorbachev anunciou a reforma de primeira ordem radical da sociedade soviética, que vem através das necessidades históricas de várias repúblicas de declarar a sua soberania até a formação de uma nova Rússia, nascido na guerra civil e a luta contra a o “estado de emergência”, mas em defesa da democracia.

## 2.2 - A SOCIOLOGIA DO “MARXISMO OCIDENTAL”

Diante do relativismo histórico que, segundo Antonio Gramsci (ver *O Materialismo Histórico e a Filosofia de Benedetto Croce*) deixa de destacar a origem prática do mundo que busca examinar, alguns intelectuais, sociólogos da cultura, e mesmo da história, sempre demonstraram interesse lentamente para restaurar racionais certos caminhos”, ao invés de outros. O objetivo mais comum entre os estudiosos marxistas, sempre foi o de traçar percursos a gênese de vários livros básicos para um uso real rigoroso filológico, bem como, por exemplo, acontece com essas referências que se referem a uma produção “local” de Gramsci e memória labrioliana. O fato é que apenas a investigação das fontes de formação de processamento de conhecimento “oficial” do primeiro marxismo, parece voltar o desenvolvimento da produção científica sociológica mesmo na Itália, essenciais às suas raízes. Em um sentido crítico, é claro. Embora, isso pode significar que, em alguns aspectos, e desde o início, parte da tradição dos intelectuais do Ocidente sentiu a necessidade de colocar a sociologia e o marxismo no mesmo andar de uma representação moderna da história.

Por um tempo, enquanto a sociologia tem crescido em circulação como a ciência era revolucionária, enquanto os sociólogos marxistas se tornaram, ao longo dos anos, entre o mais notados de seus censores. Isso aconteceu mesmo em ideias muito diferentes do que tem sido capaz de provocar o ímpeto original. Além disso, uma demonstração bastante clara da maturação dessa situação nos é dado não só o recebimento do debate sociológico sobre a ciência e o marxismo por cientistas políticos, mas também por aqueles historiadores que, em última análise são responsáveis por examinar a relação entre a ‘política’ e ‘direito’, bem como preparação de uma história da cultura política e jurídica moderna, usando abordagens historiográficas, estão longe de reproduzir *tout court* economicismo marxista (como era uma vez!), o mesmo dificilmente pode ser dito, pelo menos na Itália, para hipotecas de moldes metodológicos idealista.

Em todos os casos, a partir de nossa observação parece que o processamento marxista operados na economia política, produziu - enfim - sua sociologia e não vice-versa. Mas o que vamos falar. Por agora, queremos ter certeza de que a contribuição não possui as seguintes reivindicações para abranger um caso como o que floresceu entre o marxismo e sociologia em um livro “pocket”. É óbvio também que a discussão poderia ter lugar muito bem, no entanto, em muitos dos livros de muitos sociólogos contemporâneos que vão desenterrar o passado - com operações consideradas, por muitos, *fora de moda* - eles encontram a sério muito “marxistas tardios”.

Esta escrita concisa, o seguinte - no entanto - o volume de saída *Gênese Prática em Sociologia na Itália*, publicado em 2000 e, em parte, contém orientações adicionais sobre o desenvolvimento do pensamento científico em nosso país, algumas das quais se referem a meu ensaio: *A sociologia como uma ciência em Alessantiro Gropoli*, apareceu em “A crítica sociológica” n. 122-123 do verão-outono de 1997.

A intenção principal - à margem do livro - é certamente popular, queria mais do que qualquer outra coisa por uma espécie de trabalho forçado comparação crítica com ensino universitário, e seminários com as necessidades de um público de jovens não

treinados a ler em “monográfico” nossos termos sociologia local a rigor metodológico impostas *principalmente* pelo materialismo histórico a *doc*. Mas, é claro, há também a intenção de fornecer novas ideias a partir de ângulos diferentes a partir da qual projeto o exame de materiais utilizados para a produção de pesquisas sistemáticas sobre as fontes.

O mapa genético de investigação metodológica sobre a produção de ciência, pertence ao marxismo, que também gerou uma vertente significativa de estudos sociológicos sobre a sociologia do conhecimento e da ciência. Estudos, estes últimos, tão negligenciados e mal compreendidos como a imposição, ao mesmo tempo. Apesar das revisões e da abordagem hiper-crítica filosófica e historicista para os ortodoxos, essas contribuições permanecem na memória como um racionalista ocidental derivado da necessidade de investigar a estrutura lógico-empíricos concretos resultados científico: o debate pode ter lugar apenas nos resultados produzidos. “Ou seja, o utilitário também pode cobrir ou não reproduzir a realidade da mesma mente como algo concreto”.

Como Karl Marx observou: “O concreto é concreto” e, portanto, uma ciência que pretende ser, por exemplo, completamente racional, deve ser útil em suas buscas do concreto da abstração. Isto significa simplesmente que o método científico é correto quando você programar um procedimento que é capaz, por um lado, assegurar a representação - digamos formal - do concreto, e os outros dessa maneira para mostrar a validade de sua utilidade. Tudo isso pode ser explicado pela produção de material científico e fontes, bem como a continuidade da pesquisa sobre a origem do mesmo.

Deve-se dizer que esta versão não foi sempre transmitida, a fim de tornar a substância explícita do argumento. Como é bem conhecido por historiadores europeus das ciências sociais, especialmente a especulação pesada do idealismo hegeliano ter trazido um recibo certas e permitiu a circulação de algumas questões à custa dos outros. Para os historiadores da filosofia moderna, no entanto, a busca de uma filosofia de origem é bastante diferente da mesma “filosofia da prática”, entendida em termos de idealismo historicista mais comum. Para os seguidores de Benedetto Croce e na busca da origem da filosofia é algo muito inútil, como é vão continuar *a posteriori* na filosofia da história.

Esta opinião parece não depender *estritamente falando*, não as orientações teóricas e historiográficas estabeleceram-se até meados do século XX; para Karl Popper, por exemplo, uma busca das primeiras fontes de conhecimento, não é absolutamente essencial. O mesmo parece verdadeiro para alguns filósofos da linguagem liberal, etc.

Tudo isso derramando na ciência “oficial” da historiografia questões social e políticas, onde a filosofia social e pensar que o velho esquema chamado origem “social”, emerge a custa do inquérito realizado sobre as ligações e correlações que, em vez determinar a formação de teorias científicas e da produção de fontes que contêm história *a* da relação de pesquisa e teoria para garantir um grau de reprodutibilidade. Vários ensinamentos derivam do marxismo. Em essência, o reconhecimento sobre a história das ciências sociais parece ter desde a origem, ou seja, a origem de pensamento conhecida como ‘social’, enquanto a necessidade é reproduzir a relação teoria-pesquisa empírica logicamente. E, em seguida, escrever a história.

### 2.3 - QUESTÕES DE DISCUSSÃO

Em parte, o transcendentalismo nas ciências sociológicas, desejada pelos críticos (como o austríaco Max Adler) da escola neo-kantiana de Baden que dá origem ao famoso Methodenstreit, contribui para confundir o debate - do lado mais “aberto” do marxismo.

Neste ponto, você pode ver a crítica (ignorada, por exemplo, por historiadores da sociologia) de Adler contra Heinrich Rickert e Wilhelm Windelband, Rudolph Stammer e Hugo Münsterberg, além das posições estritamente weberianas, ou melhor, atribuível produção científica e livros de Max Weber. E não só. Há muitos exemplos, mais ou menos conhecidos, a respeito daqueles que procuram em ferramentas marxismo só de explicação sociológica da gênese e desenvolvimento da ideologia e da formação de idéias e até mesmo as instituições políticas (o polonês Ludwick Krzywicki, para mencionar um nome).

Próximos a este último, há outros exemplos que nos levam para aqueles que traçam a gênese de ciências como matemática e física através do exame da estrutura e ideologia. Suas elaborações teóricas sobre a produção de formação e de conhecimentos ocorreu ao longo de muito diferentes programas científicos. Em essência, o pressuposto básico é, para que de fato, especialmente a ciência objetiva e empírica das relações sociais corre o risco de pertencer à ideologia.

Sabe-se que durante muito tempo uma espécie de ‘debate’ tem transportado cerca a ideologia da neutralidade da ciência e da determinação do papel da data historicamente científica. Em particular, alguns epistemólogos e filósofos da ciência, como Gaston Bachelard, abordar a questão da autonomia da ciência e da relação notória entre conhecimento científico e know-how técnico, à luz da afirmação do uso da tecnologia em vez de medir as coisas ou ‘fatos concretos’. Na prática, para estes autores, a produção científica do concreto estaria sujeito a tecnologia da empresa, quase ao refazer alguns dos avisos de Marx sobre o mesmo, ou até mesmo de filósofos como Martin Heidegger, o autor escreveu: *A questão da técnica*. Ainda, podemos nos referir a exemplos de obras que reconstruir os caracteres específicos de critérios científicos contemporâneos e procurar identificar as ferramentas capazes de transformar esta prática científica e suas funções sociais. Por exemplo, o que acontece na investigação das ligações que existem entre as revoluções científicas e mudanças no desenvolvimento das ciências, como física e matemática acima mencionadas ou a economia nos séculos XIX e XX, até nós.

Outros casos podem estar relacionados com a vocação de continuar a educação de alguns historiadores da doutrina e ideias e, de certa forma, a discussão sobre a gênese de um processo de desenvolvimento da literatura na forma de análise, estético, histórico e sociológico (Gyorgy Lukács e seus seguidores modernos). Mais precisamente, no caso de Lukács de *História e Consciência de Classe*, o que também surge quando o autor discute a ortodoxia (método) em Marx e tem uma certa posição crítica sobre a preservação ou não da “integridade estética” de sua teoria e sua metodologia.

Em todos os casos, há muitas obras de estudiosos e cientistas que enfatizam o papel de “juízos estéticos” e que, como Arthur I. Miller, traçar a gênese da teoria da física (ver “teoria quântica”, neste caso), e também funciona como uma crítica dos anos 70, por

exemplo, o de E. Bizakis, *Física contemporânea e materialismo dialético, etc.*

Na verdade, parece que geralmente o teste da dialética e do acadêmico marxista, pouco a pouco alterou o quadro de certos interesses, que são úteis para os sociólogos do conhecimento e também para sociólogos da ciência e, finalmente, ter ajudado a espalhar-los em outro lugar ou como discurso meta-teórica e histórica sobre o desenvolvimento econômico ou como uma investigação sócio-histórico sobre as relações da ciência (históricos da ciência).

Este último é talvez o mais próximo aos interesses a sociologia dos nossos tempos, e isso de modo algum significam que os sociólogos ou “produtores” da pesquisa sociológica perceberam a utilidade de pensar sobre isso de uma forma sistemática.

O problema é o de julgar, mais ou menos essencial para a história da ciência desenvolvimento da sociologia científica.

Não é uma “questão de palavras”, como poderia ser, por exemplo, na época do positivismo e evolucionismo no contexto italiano de ideias em que surgiu uma disputa entre os marxistas que, inspirado nas obras de Antonio Gramsci, procura a utilidade prática da *filosofia da práxis* positivista e aqueles em que a pesquisa e previsão foram feitas sobre a origem de problemas científicos e sociais tão acriticamente separados na prática histórica - o que é ‘além’ da intenção séria do neo-positivistas de Viena. Um problema mais moderno, levantados por aqueles que já cruzaram o limiar do relativismo epistemológico e depois daquelas, no entanto, luta para fazê-lo. É a pergunta para proceder de forma racional para fazer uma estrada transitável, em vez de outra. A questão é: qual é a forma mais conveniente.

Se nos referimos à pesquisa sobre o mapa genético do procedimento científico, podemos supor que os sociólogos marxistas perderam, e talvez com razão, a metodologia do caos. Assim, podemos dizer o mesmo de alguns historiadores culturais e historiadores das ideias conhecidas como área de sociólogos marxistas e, portanto, ser creditado à tradição marxista de estudos sobre a produção da ciência. E, além disso, que pode ser dito para aqueles que têm dado aos estudos “históricos”, preferindo utilizá-los apenas como “matéria” necessária para desenvolver interesse se voltou para a sociologia do conhecimento e da sociologia do conhecimento científico. Em particular, o sociólogo do conhecimento usa de epistemologia física e histórica não estritamente marxista (conhecido como Thomas Kuhn, Popper e Bachelard já mencionado) para cambiamento e tentou para descrever o desenvolvimento da ciência a fim de encontrar - finalmente - a teoria crítica e conflito dessas mudanças mesmo. No geral, não é fácil estudar a natureza e perceber a origem desses problemas, assim como a assimilação sistemática de certas fontes e categorias do marxismo na sociologia contemporânea tem ocorrido, a fim de fazer crer que a explicação genética causa de fenômenos sociais ocorrem, era algo diferente do material para produzir cientificamente inadequada para explicar a gênese da ciência. Até prova em contrário, a sociologia se iludiu com o marxismo, o oposto, simplesmente não existiu.

Existe, pelo contrário, que há uma certa quantidade de produção de livros e ensaios que discutem a vocação não sistemática de várias investigações científicas em sua história um desenvolvimento coerente de métodos racionalmente concebidos.

Sem contar, a confusão gerada pelo termo “sistemático” e “sistemática” e, às ve-



zes, pela sua tradução de Alemão para Inglês, causada, por exemplo, de palestras dogmática realizada na Inglaterra por Karl Mannheim na Escola de Londres de Economia - mais conhecido como uma crítica marxistas dos “problemas reais” dirigida por Marx. Na verdade, muitos destes ‘problemas’, historicamente preocupação para os sociólogos e as suas próprias teórico-intelectuais. Muitos deles são conhecidos por terem sido feitas para esclarecer a mediação de alguns sociólogos do conhecimento.

## 2.4 - AS TOTALIDADES “CONCRETAS”

A contribuição de sociólogos do conhecimento inspirado pelo marxismo pode ser considerada como verdadeiramente o resumo da conta que eles têm dedicado ao problema da possibilidade que foram realizados na história de produtos concretos. A estratégia do marxismo não percebeu a história, nem, a história foi finalmente capaz de fechar em si mesmo a parábola traçada do marxismo. O problema talvez seja outro, e no que diz respeito à representação da ciência marxista da sociedade, entendida como um mero produto histórico concreto. Na verdade, não devemos esquecer que, para Marx, a primeira entidade, ou melhor, ‘totalidade’ concreta é apenas a sociedade; deve ser capaz de englobar todos os fenômenos possíveis, incluindo a produção e reprodução do ser social. A integralidade de seu pensamento é medida pela afirmação de que “*o homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade.*”

Agora é preciso dizer que o pensamento da “dialética” da sociedade, e como tal é expressa racionalmente por autores como, por exemplo, Lukács (que em 1912 entrou em contato com Max Weber) ou por Karl Korsch, e precisa ser entendido como “tudo” engloba o nascimento de seus fantasmas e pode resultar na abstração. Vamos discutir este aspecto. Neste ponto, uma breve discussão sobre o conceito de ideologia e utopia em Mannheim pode ser muito mais útil. Também porque é no processamento do sociólogo de Budapeste, que morreu em 1940, que estes termos são amplamente discutidas, especialmente o primeiro da história (incluindo italiano) do pensamento sociológica de formação “marxista” e entre os muitos que lêem intelectuais desde o início dos anos 50, sua obra mais famosa: *Ideologia e Utopia*. Parece paradoxal que um sociólogo do conhecimento como Mannheim tinha a dizer ao mundo do concreto. Em vez disso, sua denúncia das distorções que cercam vários estes conceitos em grande parte decorrente da elaboração marxista de “falsa consciência” ou “falsa consideração”, sugere o oposto.

Mannheim coloca sua fé no intelectual e com o possível advento do desenvolvimento histórico. Seu contato com o Marxismo é realizado através da sociologia do conhecimento que gostaria de introduzir determinadas categorias e suas representações das ciências culturais. Ele faz uma elaboração diltheyana de reavaliação da ciência e, a partir do início, em grande parte segue a abordagem crítica de Max Scheler. Durante a gênese do desenvolvimento histórico fundou sua concepção de ideologia e utopia, concebido como categorias extra-sociais ou supra-sociais, categorias que transcendem o real e concreta relações sociais. Ideologia e utopia não concordam *todo coeso* com o real. Enquanto uma é ordem estática social, a outra parece conter uma força subversiva que podem influenciar a ação humana e, como tal, em parte, é

representado no marxismo. É a história, para Mannheim, para determinar o progresso: é provável que o desaparecimento final da utopia signifique a morte do próprio marxismo existente.

Seguindo Marx é espaço para uma investigação mais aprofundada sobre o curso que abrange também a representação das classes sociais. Na verdade, como sugerido por Lukács, em seu *Geschichte und Klassenbewusstsein*, só o proletariado seria capaz de ver para a empresa como um todo, o que *mutatis mutandis*, significa que, a um certo nível de desenvolvimento histórico da produção material.

O número de reflexões realizadas até agora, parece importante, pois é deste lado é mais fácil examinar o recebimento de Marx crítica da ideologia entre muitos não marxistas não-ortodoxos e as diferenças entre marxismo e historicismo, analisou em profundidade em 70 anos por muitos autores da Escola de Frankfurt.

Se para o marxismo a sociedade é para ser um ‘todo’ de sua própria concreta, para o historicismo isso é apenas para o experimento de magnitude histórica através do intelecto e intuição: basicamente, uma complexidade ou entidade vivente. Tratando-se de marxismo, que deve definir a ciência como força produtiva do tipo imediato, como eles entendem claramente as linhas fundamentais desenhadas por Marx nos *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*, o historicismo iria acrescentar uma espécie de auto-compreensão da ciência.

De fato, essa representação da experiência é encontrada em todos os grandes da sociologia da cultura alemã, por Georg Simmel, Ernst Troeltsch, Alfred Weber, em Mannheim. Deve-se notar que muitos conceitos desenvolvidos por esses autores derivam de uma extensão daqueles concertos cobrados pelo marxismo vulgar, como a reformulação improdutiva da essência - e a fundo “social” - da superestrutura cultural, utilizando categorias lançada pela sociologia do conhecimento.

Nessa linha sociólogos modernos e contemporâneos parecem apreciar as contribuições de historicismo e as conclusões alcançadas por críticos conhecidos do materialismo histórico, ao tentar conceber uma sociedade racional.

É o trabalho solitário de Max Weber resume, por um lado, a crítica do materialismo histórico e, por outro, que tenta trazer o seu pensamento sobre raízes agindo racional e social da ciência da sociologia. O trabalho *Wirtschaft und Gesellschaft* plasma categorias sociológicas de acordo com um ato com um sentido que justifique a sua formação em uma “sociedade” de “relacionamentos” existentes e intenções relacionadas com a atitude de indivíduos capazes de direcionar sua ação contra instrumentalmente outros indivíduos. O “sentido” de tais determinações da ação social é tomado por Weber a partir do método de Simmel, que aparece em *Soziologie* e na *Philosophie des Geldes* no alvorecer do século XX.

Mas a sociedade concebida à maneira de “tipos” de racional em Weber não é apenas produto de uma “totalidade concreta” das relações entre os homens, mais do que qualquer outra coisa é a “totalidade” do curso das atitudes e orientações dos indivíduos. Para Weber a ação do tipo econômica não justifica a “totalidade”, nem o “ponto de vista” doutrinas de Marx historiográfica ou algum fim marxismo dos críticos de ‘800, por exemplo, a ascensão do capitalismo no Ocidente como sua própria realidade, para o historicismo isso é apenas para o experimento de magnitude



histórica através do intelecto e intuição: basicamente, uma complexidade ou entidade vivente. Tratando-se de marxismo, que deve definir a ciência como força produtiva do tipo imediato, como eles entendem claramente as linhas fundamentais desenhadas por Marx nos *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*, o historicismo iria acrescentar uma espécie de auto-compreensão da ciência.

De fato, essa representação da experiência é encontrada em todos os grandes da sociologia da cultura alemã, por Georg Simmel, Ernst Troeltsch, Alfred Weber, em Mannheim. Deve-se notar que muitos conceitos desenvolvidos por esses autores derivam de uma extensão daqueles conceitos cobrados pelo marxismo vulgar, como a reformulação improdutiva da essência - e a fundo “social” - da superestrutura cultural, utilizando categorias lançada pela sociologia do conhecimento.

Nessa linha sociólogos modernos e contemporâneos parecem apreciar as contribuições de historicismo e as conclusões alcançadas por críticos conhecidos do materialismo histórico, ao tentar conceber uma sociedade racional.

É o trabalho solitário de Max Weber resume, por um lado, a crítica do materialismo histórico e, por outro, que tenta trazer o seu pensamento sobre raízes agindo racional e social da ciência da sociologia. O trabalho *Wirtschaft und Gesellschaft* plasma categorias sociológicas de acordo com um ato com um sentido que justifique a sua formação em uma “sociedade” de “relacionamentos” existentes e intenções relacionadas com a atitude de indivíduos capazes de direcionar sua ação contra instrumentalmente outros indivíduos. O “sentido” de tais determinações da ação social é tomado por Weber a partir do método de Simmel, que aparece em *Soziologie* e na *Philosophie des Geldes* no alvorecer do século XX.

Mas a sociedade concebida à maneira de “tipos” de racional em Weber não é apenas produto de uma “totalidade concreta” das relações entre os homens, mais do que qualquer outra coisa é a “totalidade” do curso das atitudes e orientações dos indivíduos. Para Weber a ação do tipo econômica não justifica a “totalidade”, nem o “ponto de vista” doutrinas de Marx historiográfica ou algum fim marxismo dos críticos de ‘800, por exemplo, a ascensão do capitalismo no Ocidente como em um fato puramente racional. “O capitalismo moderno de Weber permanece na história: uma organização racional do trabalho livre formalmente” (*Die Ethik und protestantische der Geistes Kapitalismus*).

A busca para toda uma gama de categorias modernas do “conhecimento de tipo racional” e sociológica do Estado e as categorias do capitalismo e também uma “sociedade” concebida por marxistas mais ou menos racionalmente, participando de um grupo de autores de várias nacionalidades. Seu número e variedade dos seus interesses, confirmando o que foi possível, por exemplo, ortodoxia pista, de Karl Korsh e em seus escritos sobre o marxismo, sobre a dificuldade de colocá-lo na “economia” definitivamente ou “filosofia” ou em quaisquer outras ciências humanas, incluindo a sociológica.

O problema é que parece lícito admitir que o “conhecimento racional” de objetos estudo, que parecia muito longe de serem os horizontes intelectuais avançados marxistas, pode tornar-se progressivamente necessidade premente na representação dos conceitos de modernidade. O moderno conceito de “totalidade” é completamente restaurado à luz de uma reflexão filosófica particular sobre as categorias de dar à

ex novo, mesmo os intelectuais marxistas. A partir destes e, principalmente, é dada a tarefa de passar categorias críticas de marxismo mesmo com a terminologia do moderno, e para disseminar uma ampla gama de previsões sobre o papel histórico da filosofia no período contemporâneo, até para discutir a história entendida como uma ciência e, em geral, do que Karl Marx e Friedrich Engels no pensamento alemão, ou seja, que “a ciência da história” foi à única ciência possível. Estes autores foram capazes de remover esta parte, a outras reivindicações, o “sentido” de simples e questionável ‘ao todo’. O esvaziamento ocorreu na presença da filosofia e da tentativa, parcialmente bem sucedido, sempre leia titãs como Hegel e Marx, a relação entre passado e presente. São os que acontecem com Max Horkheimer em *Teoria crítica* e nos muitos escritos de Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Erich Fromm, o economista Friedrich Pollock e Henryk Grossmann, Mfred Schmidt e Oskar Negt todos - principalmente - os colaboradores famoso “*Zeitschrift FLIR Sozialforschung*” que ele deixará suas publicações na terra da América em 1941.

Em muitos contextos de ideias dos anos 60 o marxismo é realmente apresentado como a antítese a certos programas cognitiva também expressa por teologia e não só filosofia, mesmo se alguns dos principais autores que citamos referem-se abertamente à sociologia. E sem dúvida, também, que vão para a Escola de Frankfurt reconhecida o mérito de ter colhido, entretanto, em relação ao neo-capitalismo, a incapacidade de permanecer ancorada às formas de marxismo clássico. Claro, isso pode acontecer por uma série de posições críticas tomadas pelos intelectuais nos anos traumáticos da ditadura e do totalitarismo, contra a ortodoxia que foi transformada, graças a esses eventos e, gradualmente, o desconto nos contextos concretos e históricos pontos de vista sociais e ideias.

O nó problemático teoria-prática e do questionamento de novos ‘produtores’ intelectuais e na frente da organização social concreta, projetado de acordo com uma nova *relação* tecnológica são apenas alguns dos temas e/ou analistas Escola de Frankfurt: a renovação da tentativa de “marxismo humanista” ‘operada por Marcuse (certamente não ajudou por um ‘esnobismo’ especialmente no tipo acadêmico) com a tese sobre a integração do proletariado e as posições tomadas na “ativa” às funções de “ideologia até os temas abordados na revista ‘Aut-aut’, a chamada “estratégia da negação” ou assuntos relacionados com a restauração da dialética e do pensamento negativo ‘*Reason and Revolution*’ ou mesmo os da “colonização da vida cotidiana” de Jürgen Habermas, tornada pública na Itália nos “Cadernos Piacentini” somente nos anos 80.

Muitas das elaborações do filósofo Adorno já inicialmente trataram os chamados “totalidade social”, entendido como objeto de ciência sociológica. Em uma de suas formas especiais, que investigam os possíveis limites dos aspectos estruturais que constituem o contexto em que estão a programar, por exemplo, as relações de troca de uma realidade que faz com que a objetivação do mesmo. Juntamente com a filosofia que deve ser capaz de desmascarar o “falso idealismo”, bem como apóia Max Horkheimer, o marxismo fornece as ferramentas para ler o ‘todo’ ao longo de um processo onde o objeto em si, que revela suas contradições e transforma em “material empírico”. Horkheimer, no entanto, analisa o fenômeno histórico da sociedade capitalista burguesa de como uma espécie de ‘totalidade’ contraditória e o papel atribuído à

sociologia da ciência das alternativas existentes. Para o marxismo de Adorno é capaz de fazer reificação objetiva, que é a filosofia de oferecer um meio de conhecimento racional da realidade em torno da mesma produção subjetiva do objeto. Emerge muitas suposições da pesquisa realizada através da *Dialética do Iluminismo*, e deve ser dito, que Horkheimer da “teoria crítica”, nascido sob a égide de um novo humanismo, tende a promover uma sociedade como ‘um todo’ racionalmente concebido.

## 2.5 - LIBERDADE DE DIALÉTICA

Parte do desenvolvimento de ideias, louvando a crítica da sociedade capitalista um grande número de categorias européias de trabalho intelectual impostos pelo marxista e partidos de esquerda em sua militância. Uma esquerda que muitas vezes torna-se esclerosado em países como, por exemplo, a França, onde o problema do homem pode tornar-se uma leitura fundamental do marxismo, e como apoiada por escritores como Henri Lefebvre também lidar com a filosofia e estimular o surgimento de novas abordagens dentro da cultura francesa do início do século XX. Nesse contexto, Georges Sorel escreveu em 1908 *Riflessioni Sulla Violenza* em que os quadros da política, assim como a violência. Inicialmente participa de debates sobre o marxismo e encontra na teoria de Marx de classes, entram em contato através de escritos de revistas francesas como “Devenir social”, italiano e alemão com os críticos italianos do marxismo (Labriola, Vilfredo Pareto e Croce). Deve-se notar que o autor de resumos econômico de dados *senso stricto* (que pode ser até então o esteio do pensamento marxista) e desenvolve uma teoria do “marxismo em decadência”, criando assim uma espécie de “socialismo ético”: a nova religião da humanidade, socialmente avançada, do que um impulso imediato revolucionário. Empresas a evoluir se o homem é reconhecido sob a égide de um rolamento moral. Por sua parte, o espírito revolucionário pode ser substituído - segundo Sorel - com a violência do proletariado, embora purificada a partir de certos ideais a la Henri Bergson, os mesmos ideais, em parte, encontrará apoiadores entre os fascistas italianos em uma era de vitalismo violenta; a arma do proletariado no século XX foi reconhecida na greve política, e não apenas o salário. Em suas opiniões, tanto quanto instável como suas teorias políticas, Sorel crítica Marx e sindicalismo socialista, muitas vezes, ineficaz por conta própria “sindicalismo” revolucionário despreza também o parlamentarismo e a democracia parlamentar ao estilo burguês e, em seguida, simpatia com os conservadores. A partir deste ponto de vista Sorel antecipa, de certa forma, uma situação de grande decepção na esquerda marxista francesa que será detalhado em algumas obras de real “dissidência”, como em *As aventuras da dialética* de Maurice Merleau Ponty (1955). Em *Humanismo e Terror*, que é o ensaio de 1947 sobre o problema do comunismo, que segue um ano só pelo *Sentido e sem sentido*, Merleau Ponty teria esperado a “crise do marxismo”: o terror pode contribuir para a criação de um novo humanismo que, embora concebido como um humanismo liberal que resultaria em suas formas de terrorismo. Para o expoente da escola fenomenológica, o terrorismo liberal legitima a liberdade formal, enquanto o chamado terrorismo comunista como ‘verdadeira liberdade’. Neste sentido, o terrorismo comunista pode ser justificável tão amplamente promovido pelo marxismo,

a liberdade ainda não ocorreu na história, ao contrário do liberal, as massas seriam nas mãos dos líderes partidários. A recuperação no pensamento de Lev Davidovich Bronstein, conhecido como Trotsky, Ponty vai seguir sua concepção de “dialética inacabada” como o pensamento que faz parte de um todo e que é identificado como a liberdade adequada. Mesmo Jean Paul Sartre criticou a dialética marxista, que se tornou esmagadora para o indivíduo do século XX, condenada por seu próprio medo angustiante de ter que escolher a liberdade e, portanto, para encontrar sistemas de refugio totalizante. É neste clima do existencialismo que o marxismo deve ser visto e ambos propõem a pergunta para a qual o indivíduo tende - ou não - a ser realizado na liberdade de suas escolhas. Muitas obras filosóficas e literárias de Sartre são tecidas deste enredo. Seus muitos livros que falam de intelectuais durante a militância do Partido Comunista vivem uma limitação de sua liberdade; um impedimento que pode gerar até o uso da religião para esquema político e não como uma metafísica ou filosófica, por exemplo, o hegelianismo, ou mesmo o marxismo. Além disso, apenas a visão de uma má interpretação do marxismo feita pelos marxistas, a filosofia dos 900 parece ter privado o homem de esperança, enquanto os padrões deste permanecem imutáveis, como o filósofo apoiaria ao ‘desconfortável’, Ernst Bloch, em *Thomas Muenzer teoria da revolução* (1921), um texto onde ele discute a privação do livre-arbítrio imposta ao homem pelos luteranos, por essa razão deve ser entendido como um precursor do totalitarismo. Os agricultores desapropriados de 1500 - liderado por Muenzer contra Martin Luther- vão se tornar os trabalhadores em Marx. Em particular, Bloch enfrenta a crise do marxismo por este “ponto de vista”: recuperação do conceito de Marx de utopia após um exame da dialética e, acima de tudo nas obras *O princípio da esperança* (*Das Prinzip Hoffnung*, 1954-1959) e em *Ateísmo no cristianismo*, irá apoiar sua tese sobre as diferenças entre o cristianismo e o marxismo, dando assim uma contribuição original para o desenvolvimento de “crítica do marxismo” e pensadores da Escola de Frankfurt e a teologia católica e protestante. Hegel e Marx, segundo Bloch, racionalizaram algo que sempre existiu na civilização ocidental, e vem do judaísmo, que teria imposto a ‘humanizar’ o êxodo contínuo humano, Marx também foi capaz de dinamizar o instrumento para acrescentar a utopia, que é força. Em essência, o *corpus* do materialismo dialético das doutrinas Bloch vai desenvolver em relação a Aristóteles, Hegel e da escatologia judaico-cristã, uma “filosofia de esperança”, segundo a qual a natureza e a sociedade, em virtude de sua capacidade doméstica ou ‘interior’ desenvolvimento, exceder sua incompletude e estão se aproximando de uma espécie de unidade material cósmico da utópico-espiritual.

Mas não só com Bloch ou a leitura de categorias redesenhadas desde a década de 20 e 30, por exemplo, *Do espírito da utopia* (*Voim Geist der Utopias*, 1918) do mesmo Bloch - ou *Marxismo e Filosofia* de Korsch. No entanto, em outros textos vieram à luz naquele tempo (pense também em *História e Consciência de Classe* em Lukács) como elaborações de uma recuperação dos escritos esquerda hequeliana e início de Marx, mas com eventos que lembram, no entanto, o aperto do marxismo-leninismo, entretanto praticados por Stalin e sua filosofia de Estado, você pode definir, em termos de sociologia da história, a gênese do que novo humanismo que anunciou, como previsto no existencialismo e sua relação com o marxismo dos intelectuais. Este últi-

mo parece ser dominado inicialmente pelas “questões da dialética”, que será decisiva para as obras de leitura crítica Hegel e da narrativa filosófica críticas que vem, mas também a diferenças entre o marxismo e o existencialismo. Pense na Lukács acima *História e consciência de classe* e o trabalho *O jovem Hegel*, que é de 1948. O autor húngaro (que nos anos 60 e 70 deu lugar a dúvidas sobre a sua origem) sofre em sua “rebelião” da influência de Sorel e Georg Simmel em seus trabalhos e parece impor um dualismo entre o pensamento e o pensamento materialista idealista; segundo Lukács o método dialético de Hegel e Marx só pode ser aplicado às ciências sociais e não à natureza. É aí que reside a oportunidade de trazer entre a teoria intelectual da “consciência de classe” não define bem a re-avaliar o jovem Hegel como o filósofo que levanta, mas não justifica as contradições do capitalismo. Os filósofos alemães, de Friedrich Wilhelm Joseph Schelling a Friedrich Wilhelm Nietzsche, são aqueles que acrescentam tal justificação, tomada pelos nazistas e fascistas, para Lukács, Hegel está longe daquele irracionalismo e, portanto, muito perto de Marx.

A recuperação das influências hegeliana amplia os acontecimentos da vida humana que reconhece o método dialético para o “envolvimento” perigoso dos intelectuais de questionam (incluindo as anunciadas) impostos do existencialismo com o marxismo (Lukács). Alguns autores relatam que vivem de uma forma traumática, outras em ‘separado’, mesmo que você não desista o estudo da filosofia antes de novas questões, como Roger Garaudy (fundador do Centre d’Etudes et de Recherches Marxistes de Paris) que gostaria de salvar Hegel e idealismo alemão, ancorado bem no método dialético, depois de passar pela análise da filosofia de Johann Gottlieb Fichte, o ego que, em comparação com posições opostas, como as tomadas por Max Stirner em sua única *tenderia* a preservar o marxismo. Em todo caso Garaudy viverá em modo contraditório para ser ouvido a ideias lançadas por Sartre, escrevendo com ele *Marxisme et Existencialismo* (1963). O problema será sempre mais a possibilidade do que fazer na história uma autentica conversão de um humanista. Também próximo ao pensamento Ponty, Garaudy filósofo, e teórico do marxismo francês, deputado (1956-1959) e senador (1959-1962) comunista, ao longo de sua atividade intelectual, mantendo-se um escritor marxista até os anos 50 (veja *A teoria materialista do conhecimento*, bem como *O humanismo marxista*) tentará uma desdogmatização da doutrina do Partido Comunista Francês (PCF), definindo uma nota crítica do stalinismo e a invasão armada da Tchecoslováquia pelos soviéticos, com o objetivo de pôr fim às reformas de Alexander Dubcek (1968). Longe da tese do partido serão expulsos em 1970. Para determinar o ‘lugar’ de seu pensamento tem certamente contribuído, por um lado, a denúncia da mistificação do stalinismo provocada por Krushev no XX Congresso do Partido Comunista Soviético (PCUS) e, por outro, a sua abertura ao diálogo sobre o problema religioso. Neste sentido, irá desenvolver uma controvérsia com o personalismo, o filósofo Emmanuel Mounier, formado sob influencia de Jacques Maritain. Garaudy gostaria de descobrir a autenticidade do marxismo na revolução de 1905 e em uma reavaliação de Lênin e antecipa a reunião entre o marxismo e o cristianismo no limiar da era atômica. O único modelo de socialismo na URSS, ele se opõe a teoria do “socialismo auto-gestão”, como nas obras de 1969: *Le grand Tournant du socialismo e du marxismo au XX siècle* ano anterior ao volume *Toute la vérité*.





### III - A CIÊNCIA DOS INTELLECTUAIS

#### 3.1 - A “DIALÉTICA DA HISTÓRIA” E SEU CONTRÁRIO

As primeiras interpretações teóricas da elaboração conjunta de Marx e Engels foram os autodidatas e proletários Josef Dietzgen, Paul Lafargue e Antonio Labriola. Como escrito por Robert Michels em sua *História Crítica do movimento socialista italiano até 1911*, parece que o Labriola era mais estritamente marxista que Marx, o suficiente para rasgar o louvor de Engels e Franz Mehring, o guardião do *Graal* alemão marxista. O filósofo *striker-marxista* (como Engels chamou) em 1895 foi o trabalho de divulgação do marxismo autêntico, na Itália, na publicação de ensaios na concepção materialista da história, entendida como um produto da atividade humana. O próprio homem, na verdade, através da criação de suas ferramentas de trabalho, altera o ambiente que, por sua vez, afetará ele e seu real desenvolvimento. O marxismo apresentará a Labriola como uma “doutrina de método”, mas somente após um exame cuidadoso da dialética - em essência - pode ser incompatível com o método genético e até o momento hipergenético. Em todos os casos, Labriola sempre se recusou qualquer redução do marxismo ao cânone de interpretação histórica, embora seja clara a sua grande utilidade na revisão em curso da dialética hegeliana. Apenas o processamento, a este respeito, os livros de Marx e Engels para fornecer mais evidências de que suficiente filósofo italiano. Como é sabido, Hegel na esquerda (Bruno Bauer e David Friedrich Strauss, etc.) e direita (por exemplo, Karl Rosenkranz), a dialética é a do mestre, a luta em certas visões, digamos, ‘teológicas’. Ludwig Feuerbach realiza uma inversão da antítese dialética, por isso não é mais originada da idéia, do pensamento, mas a partir do material, o homem. Neste sentido continua Marx, para os quais existe a necessidade de uma dialética hegeliana de totalidade, de uma dialética que torna possível entender a realidade como um processo. No entanto, Marx rejeita o uso puramente especulativo e substitui a dialética como um processo de pensamento pela dialética como um processo de fatos relevantes. Engels, por sua vez, elabora as leis da dialética: o primeiro é a conversão da quantidade em qualidade, o que justifica o fato de que as mudanças e transformações revolucionárias que ocorrem de uma forma muito rápida, então após um período de maturação lenta, mas necessária; A segunda lei é a da chamada interpenetração dos contrários, em que as contradições e justificar sua natureza objetiva; e o terceiro é a lei que expressa a negação do condicionado histórico econômico expresso pela classe dominante à custa do proletariado e suas necessidades em modo que a consciência dessa necessidade de ser capaz de produzir uma nova realidade. Ao interpretar a dialética de Hegel, Engels enfatiza o aspecto naturalista, tornando a identificação da natureza e isto é assunto do entendimento da natureza da idéia, mas não para especular e sim uma situação única. Assim, Marx e Engels podem ser diferentes da visão dialética do universo natural, oferecendo uma

contribuição original para a doutrina marxista, ver também o seu *Diaiektik der Natur*, livro publicado postumamente em 1925.

Desta forma, os ensinamentos mútuos são proferidos. Além disso, muitas das conclusões de Marx e Engels podem ser tomadas juntamente com a declaração labrioliana “teoria do conhecimento” em um verdadeiro marxismo que envolve a busca de um processo lógico e empírico da dialética, ou melhor, a ‘dialética da história’: a sociologia do conhecimento *subespécie*. Observe que essas concepções estão afirmando, em poucos anos de direitos de produção (lembre-se ela: *Em memória do Manifesto Comunista de 1895, O material histórico, Elucidação preliminar, 1896; e Discurso sobre socialismo e filosofia de 1898*) nos últimos anos de sua vida, Labriola estará envolvido na maior parte em um debate acalorado sobre o legado do marxismo, a sua influência na Itália, em filosofia e sua estratégia política. Exercerá uma nota de crítica aos “revisionistas” Bernstein e Sorel, filósofos “de casa” como Giovanni Gentile e Benedetto Croce, que em 1937 - ano em que o Inglês deu à luz o marxismo como Análise de *Economia Política e capitalismo* por Maurice Dobb - vai se pronunciar sobre o nascimento e a morte do “teórico do marxismo na Itália e no mundo, combinando o período crucial entre 1895 e 1900 sem falar - muito - o renascimento da Europa dos anos 20. Como é conhecida B. Croce dedica sua memória a Labriola, que o iniciou a estudar o marxismo, algumas edições da coletânea de ensaios dispersos: *Materialismo Histórico e economia marxista*, citando um dos primeiros trabalhos de Gentile *La filosofia de Marx* (1899).

O fato, na Itália, o trabalho analítico escasso de reconstrução do desenvolvimento racional da sociologia do conhecimento, entendido como uma base metodológica para uma discussão rigorosa sobre a ciência derivada em particular da elaboração marxista. O ecletismo dos autores, quase o mesmo que Lênin atacada em seu livro *Materialismo e Empiriocriticismo* - professo em chave neo-kantiana filosófica e do recebimento de duas fontes do positivismo evolutivo e histórico materialismo do 800 europeu são provavelmente a causa de um declaração de crítica da tradição historicista e também de uma determinada apresentação empírica das ciências sociais patrocinados pela “história oficial” (não-marxista). A própria obra de Antonio Labriola, geralmente é enquadrada como “renovação filosófica”, tendo em vista a filosofia crítica da história e estudos envolvendo a escola hequeliana napolitana de Bertrando Spaventa, Antonio Tari e Augusto Vera para a saída dos escritos sobre concepção materialista da história etc. Além disso, a colocação de Labriola na história do pensamento socialista tem sido controverso e debatido, tanto Gramsci e Croce, assim bem exposto, até 60 anos após sua morte (1904). Nos anos 70 e, em parte, na década de 80 do século XX começou, no entanto, para interpretar de forma mais clara o Labriola pré-marxista, como por um destacamento da reflexão intelectual-científico sobre o idealismo, fenômenos sócio-históricos e, de qualquer maneira, para a confirmação de uma tradição nacional de conhecimentos teóricos e mais ou menos sistemáticos. Isto parece não se aplicar para as suas relações com a sociologia, mantida a devida distância, mas somente em locais bem conhecidos da crítica ao positivismo ingênuo e inferior. Na verdade, as labrioliana teorias sobre o marxismo e do conhecimento, revela uma propensão acentuada para encontrar correspondências entre lógicos e empíricos



fenômenos históricos do pensamento e da realidade, e da análise do social. A hipótese básica é por isso que na Itália precisamente, através de Labriola, não só tornar mais plausível para a fundação de uma abordagem metodológica para a epistemologia derivada do “Herbartismo post kantiano” e, em algumas variantes, filtrada a partir do debate sobre a ciência “do espírito”, mas a possibilidade de aparecimento de alcançar a definição da explicação sócio-histórica dos fenômenos típicos da análise de acordo com os cânones do caso (ou “relações” entre os fenômenos empíricos na psicologia). O método de genética reflete a abordagem científica, embora em contraste (como já mencionado) com a concepção de “dialética”, apresentado - na opinião Labriola - ha uma “sobrecarga” de semântica (*A concepção materialista da história*). E o mesmo parece aplicar-se à “metafísica”, entendida como uma questão essencial colocada por Sorel e discutidos em *Discurso*, isto é, mais uma vez, a grande questão da relação entre marxismo e ciência.

Antonio Labriola rejeita a visão ortodoxa de marxismo - onisciente, a fim de compreender mais precisamente como um “ensino progressista”, e assim como lemos em uma carta a Luise Kautsky do agora remoto abril de 1899. “Neste lembrou ironicamente o “enciclopédico” de Georgi Plekhanov, o marxismo apenas no mundo da social-democracia internacional, na opinião de Lênin, foi capaz de impor o “ponto de vista” do materialismo dialético de “interpretações trivialidade” no presente dos “revisonistas”. Deve ser dito que Plekhanov recebido com grande favor de *Ensaio de Labriola* de, ao publicar não só mais a imprensa progressista e socialista russa, mas encontrar a sua profunda afinidade com o pensamento marxista, e assim filosófico como expresso na obra da década de 90 do século XIX: *Sobre a concepção materialista da história*. A forma ideal de afinidades está entrelaçada com uma possível revisão da dialética e da suposta unidade de teoria e prática, e como tal deveria ter sido realizada - de acordo com Labriola - entre materialismo histórico e socialismo.

### 3.2 - A VISÃO CARISMÁTICA DO INTELLECTUAL

O que Labriola deixou é um grande legado para as futuras gerações de analistas do materialismo histórico de uma maneira que, para seguir a *Ideologia alemã* de Marx, não é o ideal, mas o movimento em si que destrói o estado presente. Em sua *História da Liga dos Comunistas* em 1855 Engels afirmava que o materialismo histórico teria revolucionado a ciência da própria história, assumindo uma voz tão importante sobre o movimento operário em todos os países. O legado de assimilação do marxismo de acordo com estas fórmulas é inteiramente até os intelectuais e sua abordagem para o problema, mais ou menos independentes ou originais. Antonio Gramsci afirma: o problema mais importante parece referir-se ao surgimento de uma concepção de desenvolvimento histórico que também pode ser identificado como um momento crucial de síntese e processamento de uma velha cultura das relações sociais e uma nova cultura. O italiano seria mais adequado para formular uma versão de ‘ativista’ do marxismo que revelam (além descida de um Bakunin e seus contrastes com as idéias de organização de Mazzini trabalhando com a mesma liberal de Marx), o atraso da síntese do materialismo chamado ‘vulgar’ e catolicismo popular, canalizada entre as

massas. A “filosofia da práxis’ vai presidir a atividade histórica das massas nessa versão antitética à experiência na organização da primitiva “senso comum” e de uma perspectiva que deve levar a sentir Gramsci, a unidade cultural da humanidade. Esta unidade é o desenvolvimento de possibilidade *real* do movimento histórico e justifica a busca da objetividade do conhecimento.

Gramsci amadurece este conceito em áspera controvérsia com a sociologia da época e com o materialismo mecanicista de Nikolai Bukharin e ou positivista (Veja, *O materialismo histórico e filosofia de Benedetto Croce*) e, de fato, parece não chamar a resultado imediato do ensino de Labriola, se não nas obras que se seguirão muito o período juvenil e também os primeiros momentos da formação do Partido Comunista, etc. Na verdade, a morte de Gramsci (1937) e mesmo antes da formalização de seus *Cadernos do Cárcere* os ensaios de Labriola foram reimpressos, assim, passando por uma difusão generalizada do que no passado, junto com outras grandes descobertas das peculiaridades gramsciana pensado para ter sido capaz de aumentar na Itália e em outros contextos do interesse pelo marxismo. Como muitos estudiosos e historiadores apontam para fora, e como pode ser visto nos *Anais e pesquisa ad hoc* sobre a história do marxismo italiano desde o final dos anos 70 e início dos anos 80 do século XX com perspectiva de Gramsci acaba por ser muito mais extensa e, diríamos hoje, avançado, considerando o ‘período’ crítico para a *Teoria do materialismo histórico, manual popular de sociologia marxista* de Bukharin. Provavelmente reflete as características práticas da história do movimento socialista no mundo e mudança ocorridos no desenvolvimento capitalista, mais maduro e, ao contrário da crença popular, é uma pedra fundamental para a análise dos eventos da Terceira Internacional e as complexas relações entre o marxismo e o marxismo soviético europeu de 1920-1930. A original interpretação gramsciana do marxismo teórico no quadro das relações existentes das questões filosóficas e o socialismo não parece importarem-se desses estudos. O que nos afeta é a profundidade de suas investigações, sobretudo onde as idéias são formadas com base na fé revolucionária ou, como diríamos “típico” do vício intelectual e com o marxismo. Com referência a Gramsci poderia ser feito muitos exemplos a este respeito e, por muitas escritas e conceitos de origens: o conceito de “hegemonia” (que deriva do grego, *eghesthai*, ou seja, “para ser o guia”) e suas diferenças para as relações de forças e de questões ‘ética civil’ que, em parte, inspirado no relacionamento com o concerto do Estado e, em parte, várias questões da sexualidade e também da “ideologia feminina’ (ver sobre isso em Antonio Gramsci *Notas sobre Machiavel*, mas profundidade do Engels de “*Origem da Família, de propriedade privada e do Estado*).

No início do seu pensamento e história intelectual e humana, mas em vez disso, o “ponto de vista” Gramsci político implantado imediatamente em favor da linha desenhada por Lênin com Togliatti, Terracini e Umberto Tasca, fundada em 1919, o semanário “Nova Ordem’ para apoiar a estratégia de conselhos de fábrica, os corpos proletária autodeterminação no caso de situação revolucionária, deve tomar a função dos “soviéticos”. O fracasso das agências, durante uma greve geral e ocupação em 1920, empurrando Gramsci e seu grupo para a criação de um partido revolucionário no lugar da vanguarda do proletariado. A partir da divisão do grupo de “Nova Or-

dem” gramsciana e que os seguidores de Amadeo Bordiga, do Partido Socialista e “sovietic”, nasceu em Livorno, em 1921, o Partido Comunista da Itália (membro da Terceira Internacional), dos quais Bordiga - cujo pensamento sobre certos ‘problemas’ é coletado na *Revolução Russa e da teoria marxista* - foi o líder indiscutível, e muitos que foram, então, cheia de violência e “maximalista”, mantiveram-se próximo do Partido Socialista da Filippo Turati (ladeado por Anna Kuliscioff no prelúdio reformismo “fin de siècle”), começando com o ex-republicano à la Claudio Treves - que dirigiu o *Avanti*’ de 1909 a 1912 e colaborou com a *crítica social* etc. Já no ano seguinte Gramsci foi a Moscou como chefe do IV Congresso da delegação italiana, por sua vez, o comitê executivo do novo partido é nomeado pelo executivo da Internacional será formado por Tasca e Togliatti, Giuseppe Vota, Mauro Scoccimarro, Bruno Fortichiari e, mais tarde, por Egidio Gennari. Após uma estada em Viena, em 1923 (depois do seu casamento com Julia Schucht) em nome da ‘Internazionale’, Gramsci foi eleito deputado (1924) e voltou para a Itália sendo capaz de ganhar a liderança do Partido Comunista no Congresso em Lyon em 1926. Seu objetivo, surgido após a crise política que se seguiu a morte do secretário do Partido Socialista Unitário Giacomo Matteotti, foi logo para se livrar de sectarismo, e a origem dos resíduos abstratos presente no movimento revolucionário. A estratégia da política comunista deve ser dirigida ao destacar a crise da sociedade capitalista italiano. Em 1926 foi preso pelos fascistas e condenado a cinco anos de confinamento em Ustica. Mais tarde, foi submetida à Corte Especial e condenado a 20 anos na prisão, anos em que o foco de uma extraordinária retórica e tarefas de computação dos princípios do marxismo. Gramsci faz essencialmente três diferentes perspectivas teóricas de análise: o primeiro destina-se a uma teoria do imperialismo e do outro, diz que a idéia de que a revolução está preparado e acelerado pelo proletariado visto como “classe nacional”, o terceiro trata finalmente, para definir o partido. Em todos os casos, de acordo com Gramsci, para criar uma nova “hegemonia” é preciso fazer uma análise de nível cultural e, não só da possibilidade de libertar as massas e tradições, mas também no sentido de redefinir a relação entre intelectuais e suas disseminação da ideologia. No entanto, como se lê em uma passagem do *Ressurgimento* um grupo social deve ser uma “liderança” muito antes de ganhar o poder governamental. Além disso, há elementos do partido fortemente relacionado à cultura latina, em que o comunismo pode tomar posse devido à presença da religião católica e da empresa revolucionária nos países latinos que será realizado sem violência se, entre outras coisas, só vai substituir a Igreja Católica. Esta teoria da revolução está em curso em longo prazo, e propõe a criação de uma estrutura não só política, mas também intelectual; intelectuais apenas, no entanto, deveriam ter - de acordo com Gramsci - o mesmo trabalho como uma obra de “carismática” e tem uma visão *de mundo* que tende a fazer uso de todas as instalações não organizadas pelo partido. A classe intelectual esclarece os escritos de Gramsci conhecida como a *Questão Meridional* (questão do Sul), e também em alguns dos seus *Quaderni* ocorre dissimetria que, por exemplo, afirmam que, como um conceito será expandido, para organizar o proletariado como uma classe precisa de líderes-intelectuais. O Partido Comunista, por sua vez, deve ser capaz de incorporar *prope verbis* a ‘visão carismática’ do intelectual, que é responsável por uma tarefa bastante importante por

‘difusão’ de cultura, mas também - e em segundo lugar - as funções iniciais, o que pode afirmar-se como muito crítico e perigoso às vezes (como mostrado, por exemplo, a história de ação de “progressista” como Lênin ou “reacionário”, como Napoleão III e Benito Mussolini). O partido de vanguarda deve procurar fornecer um ponto de encontro entre o chamado intelectual “orgânico” e de um grupo social chamado intelectual “tradicional”, a aliança entre operários e intelectuais, definido como *massa*, parece pressupor a formação de um intelectual de classe (à esquerda) é cada vez mais orientada para o proletariado revolucionário. Na prática, como dirá Gramsci mesmo no Congresso Lione do Partido Comunista Italiano em 1926, o intelectual “orgânico” do proletariado não deve ser considerado pelo “ponto de vista” ideológico e crítica, mas da política e do lado da organização. Sua sociologia dos intelectuais (à esquerda) é independente, portanto, por aqueles que “acredita-se que seja o sal da terra e vê no operário instrumento o material de convulsão social, e não o caráter consciente e inteligente da revolução.” Qual a melhor formação para as gerações futuras?

O pensamento de Antonio Gramsci e sua reflexão sobre o materialismo histórico têm sido bem recebidos - e passou durante o século XX - em contextos que não o italiano, nomeadamente em França, nos países de língua espanhola e na Inglaterra. “Na Itália, a sua influência sobre ‘período’ os intelectuais e os partidos”, os marxistas e estudiosos da cultura e até mesmo moderada secular e católica tem sido sentida especialmente após os anos 20 e durante o período de anti-fascismo os eventos do PCI liderado por Togliatti e, portanto, durante a busca de mais um “autônomo” para o socialismo. O período de muitas décadas e os altos e baixos da vida prática e intelectual e de uma serie de políticos “profissionais” e em frente “extremos” em um político deixado cada vez mais expostas às tendências têm fortalecido as origens democráticas debate sobre o que se deve ou não considerar a “classe política” e, como tal, por exemplo, o pensamento de Caetano Mosca, isto é, como uma minoria. No contexto dessa fase Antonio Gramsci e seu marxismo é concluído, aos poucos, no sótão da história, mas não na historiografia. Tanto que, apenas o que é possível - mesmo que em parte - a sobrevivência de seu pensamento na ‘consciência’ da história intelectual de extração não é de pequeno burguês ou classe média, as mesmas que o “marxismo ocidental” de Lukács interpretado de modo bastante diferente, e ostentava como tendo certa sua “filosofia” determinada pela “consciência de classe” da classe trabalhadora para: concepções que - ironia da sorte - encontrado em Gramsci um adversário implacável. Pense em 1926. Além disso, este parece também se aplica a esses esparsos intelectual marxista derivados que vivem o presente e que, aproveitando *a posteriori sobre o* progresso do socialismo, eles podem retomar seus artigos escritos sociológicos ou políticos a validade ou não da tese de Gramsci. Tomemos, por exemplo, para os intelectuais que enfrentaram o problema da fundação das ciências sociais marxistas, achando Gramsci um exemplo clássico de coerência que, em muitos casos, a sua própria obra de “leitura” foi mal adaptada para o desenvolvimento acadêmico da situação nacional. Na verdade, deve-se dizer que os anos a que nos referimos mais uma vez, são o ponto de partida de uma elaboração teórica sólida de intelectuais seculares. A que, naturalmente, deve ser adicionado ao debate em curso sobre a história do marxismo. Não se esqueça que 1927 marca o reinício da Itália na idade das trevas. O fas-

cismo, com suas leis especiais, concebidos para destruir todas as formas de liberdade política, enquanto a oposição toma o caminho da prisão ou no exílio, e nasceu em “exílio” na França, que irá reconstruir a oposição antifascista; Pietro Nenni, Joseph Saragat, os acima mencionados Treves e Turati, Giuseppe Emmanuel Modigliani recolhem as fileiras dispersas do socialismo italiano e tentam recuperar “convergência” entre os opositores do regime (liberais republicanos e comunistas). Após a fundação da *‘Quarto Stato’* chega à França Emilio Lussu, Cano Rosselli e Francesco Fausto Nitti, que tiveram uma fuga espetacular do confinamento para a ilha de Lipari; eles vão se juntar ao grupo bem conhecido de “justiça e liberdade” que, juntamente como Partido d’Ação e ao grupo de intelectuais pisanos dito Calogero-Capitini que vai alimentar a Resistência, para fornecer o primeiro presidente da Libertação, Ferruccio Parri, que foi capaz de suportar até 1947, marcando assim a coexistência de princípios incompatíveis liberais e do socialismo. Na verdade, a era da “concentração de antifascista” marca o nascimento do “socialismo liberal” ou uma concepção do Estado que apela ao social-liberalismo e, em algumas das suas principais figuras, rejeita categoricamente a abordagem marxista, inspirado mais categórico com as idéias libertárias que de alguma forma fazem um vínculo ao socialismo, mesmo antes de Marx; no que deve ser lembrado que o conceito gramsciano do Estado será particularmente dissidentes opinião, apesar de seus contatos com os grupos de intelectuais com Gramsci em Turim inspirados na “Revolução livre” de Piero Gobetti, literatura que escreveu uma coluna sobre a “Nova Ordem”. Nestes casos, apenas o grupo de “Socialismo e Liberdade”, nascido em Paris depois da guerra, poderia muito bem representar as idéias de matriz gobettiana ou rosselliana, neste sentido, operando nas páginas da revista *“Les Temps Modernes”* de Jean Paul Sartre e da tríade Liberal do Merleau-Ponty, Raymond Aron e Albert Camus. A teoria marxista seguiria outra estrada.

### 3.3- NA ESTEIRA DE ANTONIO GRAMSCI

O processamento gramsciano do marxismo e das questões de transição para a revolução democrática e socialista encontra correspondência exata em muitas das políticas e projeções culturais do Partido Comunista Italianas, a partir do período que marca o fim da Segunda Guerra Mundial. Na verdade, Palmiro Togliatti, lançou uma perspectiva revolucionária, meditada em 1944 e até 1947, o processo de desenvolvimento do socialismo na forma da chamada “democracia progressiva”, muito diferente daquelas derivadas de economia, política e social do Outubro russo, porém, dividido pela URSS nos vários outros países europeus e continental. A perspectiva do novo processo avançado do socialismo não só interessado na situação peculiar italiano, mas também as experiências de países estrangeiros como a França, a Polônia e na ex-Jugoslávia: Como já foi dito no VII Congresso do partido o jogo entre a reflexão sobre as condições em nível nacional e/ou questões de unidade nacional e processo internacional foi destinada a durar. No oitavo Congresso do Partido (1956) a questão que a “democracia política” foi oficializada como a estratégia fundamental do futuro, sem a qual o socialismo se tornaria impossível. Foi então que nasceu o “caminho italiano” para o socialismo. A prova da importância dessas questões vai até o X Con-



gresso de 1962, depois de quebrar a unidade do bem-sucedido antifascista, os anos do “zdanovismo”, de ‘centrismo’ e ‘guerra fria’, Togliatti quando vai voltar para apoiar estratégias democráticas dos anos 40 como se estivessem a ser considerado como o único processo viável de forma independente no sentido de escolhas políticas relativas ao mesmo processo histórico do partido. A coerência da tese e a reivindicação pareciam voltar *tout court* a análise de Gramsci (que Togliatti sempre o considerou como um “homem de partido”), mesmo em um período de forte preocupação dogmática com questões do marxismo-leninismo e do stalinismo, até o dramático vigésimo Congresso do PCUS que, de fato, de 1956 encontra o PCI bem preparado para reiterar a maneira independente do ‘novo partido’ (ou governo) na era atômica. No entanto, parece diferente sobre o “ponto de vista” dos socialistas italianos que - a seguir a pesquisa histórica mais recente - considera Nenni um dos líderes máximo de nível do soviético de Stalin a Malenkov. Por seu lado, Togliatti tinha enfrentado antes de 56 questões-temas como, por exemplo, que alianças e a da paz que veio como temas o reforço da estratégia política internacional após o XXII Congresso e as várias conferências e organização, no entanto, no contexto da reformulação do socialismo na Europa Ocidental e muitas das propostas inovadoras que derrubou muitas teses clássicas do marxismo-leninismo. O *Memorial de Yalta* (em ‘*Rinascita*’ de 5 de setembro de 1964, com Prefácio de Luigi Longo) pode fornecer uma fonte bastante confiável sobre a ação da Comissão dos comunistas italianos o processo de renovação empreendida a perspectiva de unificação do movimento operário e socialista. Durante os anos de centro-esquerda (1955-1962) aborda Togliatti o problema da função dos intelectuais nos estudos gramscianos na Conferência de 1958 sobre o tema *O leninismo no pensamento e na ação de Antonio Gramsci*. Mas já no início do ‘50 a análise do papel dos intelectuais é a questão colocada por um lado, na busca de fundamentos da história marxista da Itália e, entanto, uma tentativa de melhorar as vertentes progressivas da tradição intelectual para fazer um compromisso nacional com a difusão mesma do Marxismo. Muitos anos depois, o marxismo é discutido sob o perfil ideológico e assim a erupção da “ideologia americana” das gerações mais jovens e do papel político intelectual; A filosofia marxista se torna o assunto e na premissa de possível reforma intelectual e moral através do qual os intelectuais podem contribuir para a formação de um “bloco histórico” que é enteso da Togliatti como: “a unidade entre a estrutura e sobre estrutura”. O tema em questão irá para a formação de uma nova classe dominante, enquanto a dos anos 50 e 60 na pesquisa histórica, política, filosófica, sociológica e marxista está sendo desenvolvido de acordo com uma certa diversidade de “pontos de vista”, que reproduzem - finalmente - também a crítica para o tema *destaque* da pesquisa de uma “estrada nacional” ao marxismo e do socialismo. Emerge na época as acusações de “provincialismo” da linha que ligava a cultura política italiana a Francesco De Sanctis e a Gramsci, o idealismo cúmplice e o crocianismo; a mesma linha que Togliatti atribuía a formação intelectual do grupo Turim que fazia parte entre 1911 e 1919. O maior ensinamento recebido por Gramsci naqueles anos foi provavelmente o de ter de conceber o marxismo de uma maneira diferente de como ele foi projetado no Partido Socialista Italiano (PSI), no qual Palmiro Togliatti se juntou em 1914: redução principalmente à visão mecanicista e evolutiva, e esvaziou

a concepção dialética da sociedade como um conjunto de relações onde o momento econômico pode ser dado entre política e cultura. Em Togliatti foi à esquerda da linha Marx - Labriola - Lênin - Gramsci - Partido Comunista: O que era realmente possível - depois de 40 anos - para ser capaz de traçar o desenvolvimento de uma visão de mundo. E também toda uma série de arte teórica para justificar o “caminho italiano para o socialismo”, como ele tinha para suportar última entrevista dada ao ‘Rinascita’, uma questão de grande importância que após as eleições de 1963, poderia representar mais especificamente a necessidade de uma entrada no governo da maioria PCI, assim e como foi anunciado por Enrico Berlinguer, em 1972.

A “questão comunista” abriu um amplo debate entre as forças políticas e os meios, em parte, o legado contínuo do interesse em torno de - cada vez mais desvanecido em face da política atual - do pensamento gramsciano e a gênese de novas relações com operada pela renovação da Togliatti na ação do partido na esquerda italiana; em 1985, a Fundação Gramsci organizou uma conferência onde a reflexão sobre o trabalho de Togliatti seguiu - 20 anos após sua morte - algumas propostas de interpretação mais confiáveis outras questões importantes deixadas em aberto nos anos 50 dentro da alardeada “nacional marxismo”. Apenas em torno deles e, ao lado do esforço considerável da distribuição científica das obras de Marx feitas naqueles anos por colaborações de autores e estudiosos como Delio Cantimori, Ambrogio Donini, Gastone Manacorda, Aldo Natoli, Cesare Luporini, Antonio Pesenti, Felice Platone e por Togliatti, desenvolveu uma certa produção intelectual durante os anos 70 que foi capaz de fazer - mesmo com os debates sobre novas revistas “Mundo operário”, ‘Crítica Marxista’, ‘O Contemporâneo’, o já mencionado ‘Rinascita’, ‘Jornal Histórico do socialismo “,” Aut-Aut’, ‘Sociedade’ e muitos outros - o reconhecimento necessário na década precedente e, especialmente, de tal exigência para a montagem - em fim - a unidade da teoria (Marxismo) e prática (movimento sindical) em uma tentativa de conduzir uma análise em curso. Apenas sobre esta última questão deve ser lembrada a revista obreira de Raniero Panzieri (tradutor *O Capital*) os “Cadernos Vermelhos” do início dos anos 60 e as contribuições teóricas, e várias do mesmo período - ‘Poder Operário’ difundia precisamente então a idéia do grupo de “orientação elite” de um proletariado emancipado - o estudo das mudanças estruturais do capitalismo e as questões de história contemporânea, nos referimos a Lello Basso (que dirigiu o bi-mensal “Problemas do socialismo”), Bruno Trentin, Victor Foa, etc. Além disso, podemos nos referir ao trabalho de muitos marxistas membros (então declarados) como Pietro Nenni, Emilio Agazzi, Giulio Pietranera, Lucio Lombardo Radice, Cano Salinari, Ranuccio Bianchi Bandinelli, Cesare Cases, Ernesto Ragionieri, Giorgio Candeloro, Paolo Alatri, Gaetano Arfé, Paolo Spriano, Giuliano Procacci, Alberto Caracciolo, Antonio Pesenti, Emilio Sereni, Vincenzo Vitelio etc.. No mesmo período de empenada “neoiluminista”. Deve-se mencionar a discussão entre filósofos marxistas - às vezes herdeiros inconscientes, juntamente com Rodolfo Mondolfo, e, especialmente, Antonio Lombardi temos Franco Banfi do humanismo marxista-clássica - e, como tal ocorreu, por exemplo, nas contribuições de Luporini, Lucio Colletti, Nicola Badaloni, Enzo Paci, Luciano Gruppi, Mano Rossi, Galvano della Volpe etc.. Embora o interesse de muita pesquisa ao teórico cultural e literário e político, o histo-



riador marxista e as ciências sociais estavam dizendo nos anos 70 com o trabalho de autores como Alberto Asor Rosa, Julian Manacorda Donoio Cano, Franco Cassano, entre outros, com os escritos de Valentino Giarratana, Biagio De Giovanni, Giuseppe Vacca, Zanardo Aldo e, finalmente, com a *introdução as ciências sociais* de Umberto Cerroni que na Itália ladeavam o *Esboço de uma sociologia marxista* de Zygmunt Bauman. O período também foi marcado por um notável ressurgimento de interesse nos editores e da publicação dos *Anais* do marxismo, muitos livros foram publicados pelo Instituto curado da Gramsci de Roma e os *Anais* foram publicados pela Feltrinelli de Milão. Etc.

Além disso, alguns filósofos, cientistas políticos e sociólogos do final dos anos 70 foram responsáveis por “abertura” do marxismo nos países socialistas.

Esses autores, entre os quais Semerani George, foi com os outros para difundir a produção de intelectuais pertencentes à cultura soviética através da publicação de revistas como a “Revisão Soviética” em páginas que foram realizadas idéias difíceis e controversas se espalhar para o “marxismo italiano” em relação a questões críticas propostos pela “sociologia radical” e/ou a “sociologia da alternativa” em contrário de versões mais ou menos conformista da cultura soviética (a controvérsia entre o filósofo Svjatozar Efirov e Franco Ferrarotti, por exemplo). As ruas estavam tão indicadas por partidos socialistas e inúmeras páginas de “humanidade variadas” muitas revistas no final dos anos 60, apontando sobre as questões da cultura, política, economia e sociologia e relações sociais, entre os quais foram: ‘*Nuova Rivista Internazionale*’, ‘*Movimento operaio e socialista*’, os ‘*Quaderni Piacentini*’, ‘*Nord Sud*’, ‘*l’homme et la société*’, ‘*Beliligor*’, ‘*Problemi*’, ‘*Riforma della scuola*’, ‘*Studi Storici*’, ‘*Pensamiento critico*’, ‘*Ideologie*’, ‘*Nuovo Impegno*’, ‘*Contropiano*’, ‘*Rivoluzione palestinese*’ etc. Globalmente, esta floração continuou até o tempo de ‘refluxo’, por sua vez, também interessado no movimento estudantil, em que - em grupos ou formações, e mais ou menos sectários e duradouros (tal como ‘Luta Comunista’) - amadurecido por vários tópicos discutidos em ‘orgânico’ do intelectual da imprensa ou não. Em 1977, o auto desmembramento apenas o jornal “*Lotta Continua*” do grupo sobreviveu, enquanto ele estava realizando o processo de nomeação de uma ‘Nova Esquerda’, que decorreu paralelamente à proposta de “compromisso histórico” do PCI com os democratas-cristãos (DC). Muitos líderes dos movimentos e intelectuais das universidades identificadas em locais onde o trabalho privilegiava críticas sobre “*Refluxo*”, que poderia também solicitar as posições dos novos atores sociais (jovens, mulheres, os marginalizados, os desempregados) em movimento sindicatos e partidos políticos. Além disso, o debate sobre o fascismo italiano ou a mesma cultura “escatológica” do marxismo e do movimento poderia ocorrer e persistir para além da violência urbana e extremista (“Autonomia dos Trabalhadores da linha dura”) e a estratégia de loucos terroristas (libertário ainda mais ou ‘conspiração’) contra o Estado burguês, mas na verdade o “Sessenta e oito” não estão prevista em toda a temporada seguinte do terrorismo.

No final dos anos 70 e início dos anos 80 foi registrado o declínio da mitologia marxista, quando, por exemplo, Norberto Bobbio, filósofo secular da virada socialista modelo ‘78, assinado por Bettino Craxi, não hesitou em declarar a morte de Marx na frente do Estado liberal-democrático. Na verdade, era mais o tempo de ‘pluralismo socialista’ reivindicado por Craxi, enquanto o fracasso do marxismo no Leste cole-

tivismo se torna evidente até mesmo entre os membros do PCI como Pietro Ingrao, que era o Presidente da Câmara dos Deputados. Ele não fez e, no entanto, naquele momento que as medidas políticas são transformadas em oportunidades de interação e debate, como as promovidas por grupos de diversas fundações e do “Instituto de Estudos Históricos Socialista”, como ele poderia coletar vários tipos de contribuições impressas em *Mondo Operaio* — Edições Avanti.

Durante os anos 80 e - até o limiar da década seguinte - não falhou até mesmo a aparência de ainda outra crítica do pensamento de Marx, mantida viva na alternância entre as diversas condições dos piores ‘pós-moderna’ e a memória do movimento operário revolucionário, pelo contrário, deve-se dizer que alguns sociólogos políticos, de inspiração marxista (Umberto Melotti, autor de *Introdução à Sociologia*, e “Terceiro Mundo” sua revista) tentaram realizar uma análise especial dessas categorias e relações encontradas a quase zero nos textos de ‘oficiais’ marxismo durante os anos 70 e 80: por exemplo, aquelas entre a divisão do trabalho e das classes sociais, etc. O centenário da morte de Marx viu reunindo em torno de suas revistas italianas, como o Terceiro Mundo” acima mencionado, mas também “Fenomenologia e sociedade”, “Lineamentos: que marxismo hoje?”, ‘Cadernos Racionalistas’, ‘Rossoscuola’, etc. o passado e o presente de um desenvolvimento crítico de certos teóricos e históricos da transição “para além do capitalismo”, muitas vezes identificados --. Erroneamente como uma transição para o socialismo.

Por outro lado, no final dos anos 80, a mesma experiência de Gramsci é concluída junto com uma fase histórica agora completa, após a reavaliação dos eventos que vêm para Togliatti novas e história política do comunismo e da história do Partido Comunista Italiano, o que leva ao XIX Congresso extraordinário e do nascimento do Partido Democrático da Esquerda (PDS), que tem a tarefa de reabertura política de Berlinguer: a austeridade do “compromisso histórico”, a “questão moral”, em comparação com o PSI de Craxi etc. Que parece que a maioria dos “governos das coisas” o socialista, para muitos intelectuais do Partido Comunista, o marxismo à la Gramsci parecia encarnar a ciência da transição. A própria idéia de socialismo poderia ser dito para ser transformado em uma visão de sociedade avançada para a implementação do pluralismo genuinamente tensa na liberdade e na democracia (a sociedade liberal). Socialismo e seus novos intelectuais (os analistas do moderno ‘Príncipe’) poderia ter sido reconhecidos neste processo todo, ou tornar-se *como um* a negação: isto é, ‘estar fora’ da democracia.



## IV - PESQUISA SOBRE A GENESIS E A PRÁXIS

### 4.1 - INTRODUÇÃO

Na Itália a necessidade de pesquisa sistemática sobre as fontes de produção da época da fundação sociológica (aproximadamente o ano em que aparece o “Jornal italiano de Sociologia”, 1897 e arredores) ocorreu simultaneamente afirmar o movimento de crítica ao positivismo pelos teóricos do socialismo científico e os “especialistas” das obras de Marx e Engels. Especificamente, a teoria hipergenética eclatante de Antonio Labriola pode ser considerado um exemplo no desenvolvimento da reflexão sobre as ciências empíricas sociais, no sentido de que dele é mais difícil de recorrer ao uso das fontes tradicionais de produção de conhecimento como o filosófico e especulativo. “Grande parte da historiografia “oficial” falou da culpa para ‘renovação filosófica”, em outro sentido. É como se algum histórico italiano e sociólogo reconhece os limites da contribuição em ‘singular’ para o desenvolvimento sistemático da disciplina, não pode refutar a existência de fontes racional da produção (e muito menos a pesquisa substancial da historicidade da sociologia da ciência empírica) ou uma interpretação bastante “convencional” historiografia “oficial” dessas fontes. Para esclarecer, não é por acaso que alguns clichês sobre o positivismo italiano, podem agora se mover livremente, sem exigências especiais de investigações e pesquisas sobre as ligações genéticas que se ligam, por exemplo, sociologia e positivismo em um sentido lógico-histórico, conduzida por “sociólogos da história” ou sociólogos da ciência e não por históricos no sentido estrito. Sociologia, desde o início não é o todo sociologia positivista. É provável que a persistência da necessidade de reconhecer, embora geralmente uma genética contínua auto-definição é uma nova exigência de pagar para sondar as fontes de produção com ‘percursos’ sistemáticos de pesquisa que pode explicar o desenvolvimento da teoria processual no pedido e encontrou unidade lógica de conhecimento, sem expurgar a obra histórica de textos científicos. O que se segue é uma tentativa de reconstruir estritamente, embora sinteticamente, o desenvolvimento racional da ciência sociológica de Alexander Groppali (Cremona, 1875, Milan 1959), restabelecer ligações entre as fontes produzidas e processualidade a partir do qual emergem empíricos ‘materiais’ (teórico e histórico) em consideração. O período é limitado aos anos em que é formado o desenho genético da sociologia de Groppali e sua reflexão sobre o socialismo científico e a defesa da teoria de Marx. Novamente, há uma chance que muitos aspectos resultantes do registro histórico ‘oficial’ sejam anulado e muito negligenciado por historiadores do desenvolvimento da sociologia como uma ciência positivista, na Itália. Por vicissitudes da prática da vida intelectual, que durou mais de meio século, a sociologia da Groppali foi incorporada como um todo, entre a teoria positivista e a ‘Filosofia do Direito’, aplicado ao conceito de sociedade entendido como ‘relação empírica’; deve-se notar que a lei é concebida da Groppali

não apenas como a forma, mas em seu conteúdo objetivado. Sua primeira produção, incluindo *A gênese social do fenômeno científico*, que é de 1898, não é visto como uma contribuição para a sociologia da ciência, embora possa ser considerado, pelo menos em parte e, no seu *desenvolvimento racional* como um estudo metodológico sobre a produção de ‘material’ que afetam a *fundação* da sociologia como uma ciência empírica. As principais fontes de Groppali são os livros positivismo evolucionista e materialismo histórico. A principal intuição leva à descoberta da prática como um grupo incorporado na gênese do homem-natureza-ação, ou seja, como um produto da investigação de uma casualidade histórica.

#### 4.2 - A HISTÓRIA DE UMA CIÊNCIA E O PROBLEMA DA HISTÓRIA

*A Gênese social do fenômeno científico* (na edição Bocca, Turim, 1899 com prefácio de Roberto Ardigò) representa uma introdução para uma história crítica da sociologia, contemporâneo do autor, e é a tese de doutorado em filosofia em que discutiu da Universidade de Pádua. No trabalho é compreendida a história da ciência como uma “série de aproximações”, cada um dos quais seria um esclarecimento das investigações ocorridas mais cedo. Para Groppali a história da ciência não é a negação contínua das reivindicações, tese e antítese; mas como um produto do intelecto está relacionado às determinações reais e objetivas seja da natureza que do espírito humano e “a necessidade perene de cooperação social”, como alegado pelo Ardigò (Veja op. cit., IX). Em geral, existem bases teóricas para o autor a refletir sobre o problema de permitir que a história da sociologia, contemporâneo a ele. Para ele, o esforço principal é entender, em primeiro lugar, um distanciamento ocorreu a partir dos critérios de seleção imposta pela onipotência da razão (século XVIII), em favor de “um fenomenal advento” que impedem você de continuar a acreditar que a razão poderia ser construída a partir do nada “e que seus resultados eram independentes das variáveis laboriosas de condições de tempo e espaço” (in op., II, já referido. p. 25). De fato, após a crítica de Kant, com a relatividade do conhecimento, a terra da fé cega no absoluto parece impraticável. Apesar de que Immanuel Kant surge como um residual de “objetivismo racional” (in op., P. 26). E não apenas em Kant. Mesmo o incognoscível Herbert Spencer registra do mesmo tipo de sedimentos objetivos - na opinião de Groppali - impede a concepção de história da ciência como uma história progressiva libertado do suprasensível. De fato, para Groppali, o positivismo de Auguste Comte como o evolucionismo spenceriano não podem liberar da incognoscibilidade de pensamento, que - ao contrário - mas consegue Roberto Ardigò. Para Ardigò - de fato - é possível investigar o infinito na evolução natural da pesquisa histórica. De lá, parece esclarecer o Groppali como: “(...) a ciência, longe de ser um reflexo do absoluto da nossa razão, é também o produto da objetiva casualidade histórica às condições de espaço e tempo” (*Gênese social e etc.*, op. p. 28). Para ele, o Comte e o evolucionismo são relevantes na descoberta de que a “experiência individual” não morre com o indivíduo, mas parte perpetuamente ativa no círculo “da história e da sucessão de experiências (...) transmitida, por meio da imitação, tradição e educação, as gerações que se seguem” (in op., pp. 28-29). Essas contribuições, como afirma Comte, de-

clarando que “o tecido da história é a influência gradual e contínua” (ibid.) que são transmitidos a experiência de gerações. Estes “reviver a história de idade, receber uma herança que eles deixaram maior (...)” (ibid.). Eles - na verdade - dão origem “para o movimento ascendente da civilização e do progresso da ciência” (ibid.). Para Groppali, todo o método a essas necessidades “para investigar formas de formação da ciência causal foram resumidos e colocados em uma concepção orgânica e unitária do materialismo histórico” (em Op., Cit. 30). Em sua opinião o materialismo histórico seria a expressão mais madura de um relativismo científico moderno “como aquela que (...) - afirma - longe de ser o presente sob a aparência de uma construção a priori da história ou de um rígido sistema de idéias e permanentemente fechado, nada mais é que um certo modo de interpretação da vida social, ou melhor - continua - uma forma de explicação do movimento histórico, realista, crítica, dialética evolução (...)” (ibid.). Groppali está convencido de que sua discussão é válida devido ao fato de que esta forma de “explicação do movimento histórico”, que não leva em conta elementos “em busca da realidade fornecida pelas observações impessoal” (ibid.). Tentando também “para determinar o valor e trazer para fora as causas reais e os títulos especificados aleatoriedade que se move e une” (ibid.). Deve ser dito que o Groppali retoma o acima em seu *Ensaio sobre a Sociologia*, que é uma obra do final do século XIX, e precisamente em *caracteres diferenciais e conteúdo materialismo histórico* (veja p. 127 e ss. Parte II), clarificando o caráter tríplice - de fato -, dada a nova visão da história, como observado acima, adjetivos para a *realista, crítica, dialética ou evolutiva*. Após estas declarações o autor estuda a contribuição em mais teoria analítica social de alguns escritores, ou como diríamos hoje “analistas sociais” mais próximos do conceito enunciado por Comte a Émile Littré, de Andrea Angiulli a Icilio Vanni, da Giovambattista Vico a Carlo Cattaneo e da Ardigò a Marx; da Spencer a Franklin H. Giddings, Ludwig Gumplowicz, Moritz Lazarus, Heymann Steinthai, Benjamin Kidd, Alfred-Jules-Émile Fouilliée, Guillaume De-Greef.

Na verdade, a excursão sobre as teorias destes autores devem demonstrar os vínculos que ligam a ciência e a civilização “raízes profundas que ele precisa na vida” (in op., cit. p. 67). Todos eles devem ser capazes de admitir que a ciência “é uma formação histórica especificado de condições específicas, em função do que muda e evolui” (ibid.). Mas, na opinião do autor, como independente retratam a história do que tinha sido previamente declarada dependente “e intimamente ligado com o fluxo da vida” (Ver III, cit. P. 67).

Seu estudo, em vez ha tarefa de demonstrar de forma sistemática “como sujeito, como no curso da história, em geral, reverbera quase escorço, o curso da história geral, e como qualquer ciência liga-se a dinâmica complexa da civilização do que é apenas um reflexo das ideológicas e com todas as outras ciências através de uma série complexa de conexões e relacionamentos e influencia o desenvolvimento de ativo e passivo” (ibid.). Groppali identifica três fases da evolução histórica do conceito de ciência que são refletidas na história da ciência. A primeira etapa é que Ernst Bernheim chamado narrativa ou exposição, e a segunda é a que define o pragmático mesmo e instrutivo, e, finalmente, a terceira chamada evolutiva ou genética. “No primeiro desses passos apenas procura apresentar o que aconteceu, é ordenado na segunda nar-

rativa dos eventos em conjunto para que o resultado provasse a validade de uma teoria pré-concebida, ele correu em muitas vezes enviesada, você quer explicar no terceiro como tem um fenômeno histórico específico, e o que ela representa em termos do que outros eventos se desenvolvem” (in op., IV, já referido. p. 70). Tão claramente expressa por Bernheim, estas maneiras de preparar um histórico dos eventos foram acompanhados por “razões psicológicas”, que assumiram formas particulares.

Para a narrativa, por exemplo, interesses estéticos; a necessidade de elaborar cronologia dos acontecimentos políticos e notas e para destacar eventos que eram em sua maioria governantes etc. No entanto, para os passos pragmáticos e genéticos “é os psicológicos motivos reduzem - explica Groppali - por um lado, o desejo de aprender e de prender alguma coisa com os eventos ocorreram, e os outros com o desejo puro, livre de qualquer pré-conceito subjetivo, de decifrar o curso e as leis da história” (in op., pp. 70-71). Em geral, a idéia de Bernheim e Groppali é que: “enquanto a história vai para o estágio de narrativa, ele só trabalha com dados e as relações externas que caem sob os sentidos, a história pragmática lida com assuntos internos e psicológicos, e a genética também de fatos internos e externos: a primeira trata as pessoas mais importantes, a segunda daqueles de quem você pode sair com este para algumas aplicações, a última de todas as pessoas como membros de uma grande sociedade humana, e só desse ponto de vista é a história universal verdadeira” (in op., cit. p. 71).

As considerações acima podem muito bem refletir-se na história da ciência. Isso é verdade - tanto que para Groppali e Bernheim - desenvolver um estudo maduro da própria história, obtidos graças a novos genéticos e / ou de desenvolvimento. Não é tudo. Para o autor, ainda é necessário conectar a história da ciência com a história da civilização. “Para estudar a evolução interna do pensamento, que se manifesta em sistemas - científicos e filosóficos -, temos de adicionar o estudo externo da evolução dos processos científicos, sempre assume que as taxas especificadas no ambiente histórico” (in op., cit.. p. 75). O problema é que você pode explicar como “um determinado corpo científico, além de representar um tempo em cada fase da evolução do pensamento infinitamente progressivo, encravado em uma dada estrutura social e fazer um com este (...)” (In Ibid, p. 75-76 cit.).

Até então - Groppali continua - a capacidade de fazer valer o conhecimento da história “da gênese verdadeira e efetiva formação das ciências” (in op., citado p. 76), pode ser reduzida “(...) propomos - esclarece o autor - para perguntar por que meios ocultos os dados sobre a natureza e da vida social e eles se transformam em algumas disposições étnicas determinados, através de cadinho intelectual de determinadas pessoas em determinadas formações ideológicas especificado, e falar mais claramente, em certos especificados sistemas científicos e filosóficos que surgem e se espalhou devido às semelhanças nas condições sociais e ao consentimento geral e mentes em um mesmo lugar” (ibid.). É bastante óbvio, como o materialismo histórico, fornece evidência de uma fonte prática de esforço científico e evolução interna e externa à ciência, como Groppali tentando provar.

O materialismo histórico - na verdade - separa-se da pesquisa para a ciência e exige a priori “para estudar apenas as condições, os relatórios, os fenômenos correlativos juntos. Para o materialismo histórico todo fenômeno é o produto de sua taxa



de ambiente, de onde resulta que, a fim de ter uma lógica e as condições específicas que reconstruir cerca determinantes geneticamente” (in op., V. Cit. p. 86). Em resumo, isso significa - mas como já disse - para estudar as relações existentes entre os fenômenos. O mesmo pensamento - assim como outros fenômenos - histórico - (. Em op., cit. p. 88) “entra as suas raízes e encontrar a razão para o seu desenvolvimento nos fatos”, sustenta a Groppali. E o mesmo se aplica a teorias científicas. Mesmo estes últimos: “pressupõem um campo particular de condições sociais, uma data de atmosfera intelectual propícia, uma série de intelectuais específicos e coletivos para atender às necessidades, uma data especificada cadeia de esforço de que eles não representam o último elo a mais perfeita, porque muito menos preparados e transformados” (in op., cit. p. 89).

Falando de teorias, o Groppali compara suas idéias com as de Achille Loria e menos ingênuo do que Marx. O espírito que move é o que nos faz exclamar Labriola de falar brevemente com a *Filosofia e o Socialismo* (1898) que o pensamento mais realista científico pode definitivamente continuar “da vida ao pensamento, e não do pensamento para a vida (...). Do trabalho (...) para aprender a teoria abstrata, e não deste para aquele. (...) Uma vez que as necessidades de crescimento das forças mitopoiético ocultas da natureza e não vice-versa (...)” (Veja A. Labriola, *Ensaio sobre o Materialismo Histórico*), etc.

Este tipo de abordagem ‘experimental’ permite o desenvolvimento da ciência para as intenções do materialismo histórico que explica “o que o homem fez para si” (*Gênese social etc.*, op., cit. p. 126). O “julgamento” é útil para discutir o desenvolvimento da história da civilização como a da história da sociologia. Na verdade, será a história genética do mesmo, a história de uma ciência eminentemente “sintética e complexa”.

### 4.3 - SOCIOLOGIA E MATERIALISMO HISTÓRICO

O livro *Ensaio de Sociologia* (1899) - Edição Battistelli, Milão, prefácio de Alfonso Asturaro - é uma tentativa de delinear uma série de temas - na opinião de Groppali - compõem “o objeto da sociologia e materialismo histórico” (in op., cit. X). No texto *As características fundamentais dos fenômenos sociais e o problema da sociologia*, o autor coloca a tarefa de investigar “as características diferenciais de um fenômeno, o tema de uma ciência especial” (in op. cit. p. 23).

Deve ser dito que estas questões são sempre muito presente no interesse da Groppali, até determinar o desenvolvimento de sua reflexão teórica sobre as ciências sociais e sociologia. Isso, como vimos, pode ser considerada uma “ciência especial”. Discutir, então, os “personagens diferentes” significam “para dar um pouco de ordem aos materiais na falta de prática, a uma peça perfeitamente lógica e orgânica, vital de cada argumento, então tateou, para o que quer que o caráter e a aparência do fenômeno social, para designar a linha de fronteira que separa o campo da sociologia de outras ciências afins” (in op., cit. p. 47). Em parte, essa tentativa, lembra Icilio Vanni da *Primeira de linha de um programa crítico em sociologia* (1888), que na verdade retoma Groppali (Ver p. 24 e nota 1). Mas, na verdade, que é para Vanni que Groppali estabelecem as fronteiras que separam o verdadeiro domínio da sociologia das demais ciências é vital. Isto é evidente por muitas razões. Por exemplo, para

levantamento das peculiaridades de uma ciência certamente serve para estabelecer o progresso da civilização, cujo trabalho poderia ser, ou não, a organizar de forma permanente a sociologia (Veja, op., Cit. P. 25 ) “moderna”. Groppali está convencido da necessidade de afirmar o que histórica, lógica e, portanto, a utilidade de passar criticamente as várias correntes que dominam o século XIX até e incluindo o XX. Para ele, é a verdade incontornável de que “na compilação, em suma, os elementos e seus relacionamentos é a origem de novas propriedades, novas questões emergentes.” E que: “A complicação é também intrinsecamente qualitativa uma complicação quantitativa” (em op. cit., p. 40.). Isso significa, por exemplo, “como na transição do fenômeno físico ao fenômeno químico, a partir de químicos biológicos, de um para o psicológico ao sociológico não é nenhum real interrupção: é a continuação do mesmo processo, o impulso perene a mesma força que vai de uma extremidade do universo e da vida que difere em variedade de formas” (ibid.). Groppali na prática nesse caso refere-se a fenômenos biológicos e sua diferenciação daqueles sociológicos - apenas “um fenômeno sociológico e está intimamente ligado com o biológico, que se desenvolve e refina um fenômeno torna-se mais distinta e independente” (ibid.).

O raciocínio é apenas indicativo, mas envolve o processo pelo qual os personagens na ciência são mais credíveis detectar a possibilidade de afastar o geral a favor da individualidade. A autonomia da sociologia foi criada para Groppali - não além do diversos representantes da várias formulações teóricas que preparam - o desaparecimento de pontos de vista mecânico e fatalista da vida social capazes de fechar em “rígidas malhas” a atividade do indivíduo. O momento, mas, onde há uma teoria que demonstra “como o homem o principal ator do grande drama da história (...)” (em op., cit. p. 54.) É como a consciência da liberdade como “a atividade do indivíduo na complexa dinâmica da história não é apenas aleatório e arbitrário, mas é, por sua vez, estimulado ou paralisado, sempre regulado, pelas atividades de outros indivíduos e as necessidades da vida comum” (Ibid., cit. pp. 54-55). “Se até aqui - diz Groppali - é concordância completa entre os vários sociólogos unanimidade só é alcançado quando se trata de ação de negociação sobre o rumo da evolução social” (in op., cit. p. 55). Mais analiticamente, o estudo da interdependência entre os fenômenos sociais que “têm apenas um objeto e seus personagens bem definidos” (in op., cit. p. 57) e que pertencem a categorias, faz com que a existência visível de ciências que têm de lidar com as próprias categorias si mesmos, mas não de forma isolada. A partir disso, é bastante claro Groppali “a legitimidade de um coordenador de ciência e sintéticas, que, depois de ter analisado as relações que existem entre as ciências sociais especiais e depois de ter analisado os últimos resultados a que lutaram arduamente eles vieram, tentando investigar as leis gerais que regem o desenvolvimento de uma sociedade” (in op., cit. pp. 57-58).

Mas de fato, a sociologia antes de ser “sintética e coordenadora, deve ser inspiradora e diretora das ciências sociais especiais (...) que vai estimular novas investigações (...)” (in op., cit. p. 58). Em uma palavra: “sociologia é realizar no campo dos fenômenos sociais que funcionam investidos em que a filosofia mais ampla como as de todas as ciências” (ibid.). Aqui, novamente Groppali retoma Ardigò, quando ele define a filosofia (ver o estudo por escrito da história da filosofia, Obras Filosóficas, vol. II, Pádua, 1884, p. 418). No final é capaz de apontar coerente com esta idéia de

sociólogos e da sociologia geral variando de John Stuart Mill em De Greef, por Lester Ward, da Asturaro Vanni, em contraste com os pontos de vista “muito uniforme” de Comte e menos clara e explícita de Herbert Spencer e Albert E F Schäffle.

A sociologia, depois de estudar entre outros fenômenos, “o ambiente físico etnografia, e demografia de uma população, tornando-se uma disciplina eminentemente filosófica, bem como a Asturaro diz - Veja *Sociologia e ciências sociais*, Chiavari, 1893 - por um lado, é com base nos resultados das ciências sociais e unifica, o outro reage constantemente imprimindo-lhes renovar o seu movimento” (*Ensaio de Sociologia*, op., cit. p. 58).

Segundo Groppali o materialismo histórico não é uma teoria, mas sim “um método”, isto é, uma forma de interpretação, uma ferramenta de explicação da vida social, ou melhor, todo o movimento histórico, que trabalha, tendo como objetivo principais causas do mecanismo de material e financeira da sociedade” (ibid.). Além disso - ele argumenta - como o positivismo (que é o mesmo método) pode ser responsabilizado quando mal interpretada, como deve ser apontado - e não apenas em sua opinião - nas interpretações de Loria. Este perde o aspecto substantivo da doutrina de Marx e Engels, que é para “investigar os meios práticos de propósito a formação dos fenômenos sociais, dos quais você deve sempre procurar as condições específicas genéticas” (ibid.). Loria esvazia a doutrina esquematizando-a. Ao contrario, o materialismo histórico, distingue-se pelo seu caráter triplo Isto é realista, ‘crítica’ e dialético. Realista, pois “ignora a realidade histórica que a descoberta feita na sequência de uma observação impessoal (...) (Em circunstâncias op., cit. p. 130). É crítico para analisar “os dados fornecidos pelas realidades e destacando suas causas reais, não de conteúdo para desenhar, como os evolucionistas fazem o esquema de paradigma, mais ou menos conseguido, os vários fatores aspectos físicos, biológicos e sociais da civilização, mas (...) tentar aceitar o valor destas causas reais e concretas (...)” (ibid.). Finalmente dialético no sentido indicado por Engels, que se refere a uma concepção de história viva e orgânica.

Note-se que para Groppali a concepção materialista da história é separada da sociologia resulta ocorrendo simultaneamente - Ver, por exemplo, a escrita sobre as diferenças e as relações entre darwinismo, evolução e materialismo histórico - (Veja em op., pp. 137-143.) para levantar finalmente - para as necessidades do sistema, método histórico genético, como exemplificado na Itália somente por Antonio Labriola.



## V - EPISTEMOLOGIA E MARXISMO

### 5.1 - A ESPECIFICIDADE DO MARXISMO

Não são muitos os estudiosos contemporâneos que tendem a pensar que apenas as questões epistemológicas do marxismo ajudou a construir algo de concreto: *solida quaedam res et expressa*. Como era nos anos sessenta do século passado Galvano Della Volpe e Louis Althusser tentaram fazer uma leitura do marxismo à luz das suas relações com a teoria da ciência. Do lado da produção, deve-se dizer que a pesquisa foi realizada na mesma época, apesar da *Lógica como ciência positiva* de Della Volpe foi publicado em início anos 1950. A gênese do pensamento dellavolpiano representa - é fato - uma soldagem golpista do marxismo com o racionalista e iluminista; em desacordo com os hegelianejante marxistas, Della Volpe também parte da crítica ao atualismo para empreender uma instância de tipo empírico. Hegel, em sua opinião, não consegue superar a Aristóteles anti-platônico, com sua carga de empirismo e do pluralismo (ver *Crítica de princípios lógicos*, 1940). Esta abordagem pode ser tomada como um *materialista* até a confirmação de alguns detalhes que levaram o autor à afirmação de que Marx - em contraste com Hegel - basearam-se em Aristóteles e sua tradição. As contribuições de Della Volpe estão dizendo ao longo de uma rota que, por exemplo, podem ser encontrados no ensaio sobre a dialética da contida na *Liberdade Comunista* (1946) e pesquisas de natureza materialistico-histórico usado em *Logica como uma ciência positiva* (e *Lógica como uma ciência e história*) que *Rousseau e Marx* (1957) e na nota *Crítica de gosto* (1960) com uma espécie de epílogo do volume de resumo de ensaios sobre teoria dialética: *Crítica da ideologia* que é contemporâneo, em 1967. Na verdade os argumentos contidos em *A liberdade comunistas* e nos textos citadas acima, ou seja, *Rousseau e Marx* e *Crítica de gosto* e pertence à vertente filosófica e política de sua produção.

A primeira destas obras é, de fato, um problema na teoria política e metodologia das ciências histórica social um ponto de chegada importante, que abrirá o caminho para a evolução posterior da análise dellavolpiana. No texto, o filósofo empurra sua análise crítica da história e da filosofia em torno do conceito de 'pessoa' e reconstrói 'humanista' e até mesmo os antecedentes 'social espírita' auditores "clássicos" do marxismo como Bernstein, Kautsky e Rudolf Mondolfo recolhendo social-democrata interpretação de Marx para seus antecessores "burgueses" (Rousseau, Kant e John Locke). Em *Rousseau e Marx* (1962), escreve o mesmo Della Volpe no prefácio à segunda edição (1963) *Liberdade comunista*. "Eles vão receber 'este estudo aprofundado da kantiana e pós Russeau, uma indicação de seus aspectos positivos e historicamente esgotados, ajustando a opinião de Rousseau e Kant em uma ampla perspectiva histórica ideal". Esta operação, que tende a reconhecer a historicidade e a especificidade do pensamento de Marx, Della Volpe estaria em uma justificação profunda,

especialmente na tentativa de estabelecer historicamente o conceito de “legalidade socialista”, um esforço que pode ser ligado na final, uma interpretação dialética dos problemas filosóficos de que o marxismo não é apenas o princípio fundador, mas também o objeto. É adequado para o trabalho proposto *Rousseau e Marx*, historicamente dominada por razões liberais. Em face de uma salvaguarda da ortodoxia marxista e idealismo eclético do revisionismo velho e o novo, que será a segunda instância das questões da *Liberdade comunista*, Della Volpe propõe uma crítica conjunta - o mais próximo possível do autêntico espírito marxista - dos conceitos fundamentais de *Manuscritos econômicos filosóficos* de 1844, como “natureza”, “homem”, “sociedade”, “alienação”, para uma avaliação de reconstrução do pensamento de Marx. No contexto orgânico da obra, o autor adicionou a escrever *Sobre a dialética* de 1962, uma espécie de “desenvolvimento” (realizada com base na Introdução de 1857 à *Crítica da Economia Política*) da metodologia de Marx, em relação às categorias econômicas e em oposição às concepções a priori dos economistas várias burguesa. O «desenvolvimento» será útil ao mesmo Della Volpe articular (em uma polêmica com Luporini e tempo com a ‘combinação’ Sweezy-Lukács, por exemplo) mais uma análise crítica da relação histórica e lógica entre o passado e o presente no reconhecimento específico dos mesmos processos históricos e, em particular, à salvaguarda da especificidade da metodologia e da teoria do marxismo.

A busca de características atribuídas a Marx e sua produção científica também afetarão Althusser, no período de maior desenvolvimento e disseminação algumas de suas idéias básicas, que, no entanto, coincide com a publicação de duas obras *Pour Marx* (1965) e último *Lire le Capital* escrita com os alunos Etienne Balibar, Roger Establet, Pierre Macherey, Jacques Rancière e apareceu na França no mesmo ano que o anterior (a versão italiana será lançada em 1968). Althusser entra em conflito com o marxismo tradicional, aonde ele vai levar a propor uma leitura diferente dos primeiros escritos de Marx influenciado, como se sabe, a partir de Hegel e Feuerbach e também, até as obras maduras - como *O Capital* - onde mais evidentes irá estabelecer uma lacuna de matriz epistemológica: um real ‘quebra’ entre a maturidade científica de Marx e seu passado especulativo, outras peculiaridades dessa tese pode ser rastreada no ensaio sobre Feuerbach de 1967, uma vestígios escritos - mais em detalhe - gênese do conceito da ideologia.

Os termos da busca da especificidade do marxismo em Althusser referem-se ao surgimento de uma concepção de filosofia que certamente implica transformações teóricas que, por sua vez, pode ter permitido que o próprio Marx a ser livre de sanção de certas posições em detrimento de outras formulações teóricas a partir do zero. Sobretudo durante o desenvolvimento destes temas será evidente que a especificidade do marxismo poderia coincidir com a de sua teoria, feita por Marx e, crucialmente dependente *mutatis mutandis* da sua filosofia: O *punctum saliens* é que pode o marxismo ou não ser a única filosofia que é capaz de tratar a si mesmo como objeto, ou seja, para impor a sua mesma teoria. A filosofia marxista é, portanto, a peculiaridade de ser encontrado, em uma tentativa de fazer ao mesmo tempo, uma leitura epistemológica e histórica de produção de textos de Marx, isto é, ainda, em uma tentativa de desenvolver a mesma teoria, a teoria marxista. É a teoria que permite que - neste

momento - faça a distinção entre ciência e ideologia e pensar o mesmo em termos de uma leitura historicamente precisa.

Althusser teria ganhado cerca dos anos 70 ao anti-historicismo uma certa propensão ao longo de suas pesquisas científicas sobre análises de Marx, especialmente no lado da restauração de uma possível utilização necessária de “generalização”. O problema é mais ou menos para determinar se o marxismo deve ser considerado como “teoria geral”, enquanto nível de teorização mais abstrata de Marx pode - de acordo com o filósofo francês - dizer respeito a um nível mais concreto de generalidade das categorias produzidas. Essencialmente, Althusser direciona - mas sob outro ângulo - o problema da reproduzibilidade da “totalidade concreta”. Como discutido abaixo, o uso de filosofia é estratégica, onde continua a haver uma necessidade de reflexão em vez de usar algumas outras categorias.

## 5.2 - A FILOSOFIA E DISCURSO CIENTÍFICO DO OBJETO

O papel da filosofia na leitura de *O Capital* de Marx é colocado por Althusser em relação à formulação de perguntas sobre seu próprio exame da busca da especificidade surgiu a partir do estudo da relação com o objeto, em outras palavras, problema de Althusser é identificar a natureza do discurso que foi construído e é destinado a identificar o mesmo objeto. É um problema do discurso científico. *O Capital*, por si só coloca questões que podem afetar a base de um discurso científico e, de fato, o aspecto epistemológico de todo o assunto pode ser considerado uma verdadeira revolução que *O Capital* - como um trabalho - faz seu objeto. Seria o mesmo para representar o início da história da ciência, as implicações filosóficas de sua leitura. Em outras frentes. Althusser inclui o esforço de leitura das obras de saber como você descobriu, por exemplo, Gaston Bachelard, Jean Cavailles até Georges Canguilhem e Michel Foucault. A leitura do *Capital*, no entanto, exige primeiro que o próprio Marx havia trazido para seu trabalho levou a uma meditação sobre algumas condições teóricas de produção própria; o que podemos chamar de produção histórica do *Capital*. A reflexão deste último revela a questão fundamental epistemológica, que surge mais como uma reflexão sobre o objeto e vai se perguntar como o objeto da filosofia marxista. Neste sentido contrário Althusser tenta mostrar como a capacidade de praticar as perguntas sobre o capital vai coincidir com a medida do grau de consciência do autor adquirida no curso do desenvolvimento filosófico de sua obra.

Isso Althusser quer ser uma leitura crítica do motivo o que exige uma ruptura com Marx de sua pré-história, que qualquer “produção” de conhecimento é passível de processo. Neste caso, devemos traçar uma teoria da história da produção de conhecimento que tende a - finalmente - para impor a sua mesma filosofia ao estudo de novos objetos. Na prática, só o conhecimento do objeto da filosofia marxista no *Capital* inclui o estudo das diferenças contidas no seu desenvolvimento, isto é, ainda, daqueles que objeto de processo de identificação envolve o uso da filosofia marxista.

A descoberta científica de Marx implica, de acordo com Althusser, uma nova revolução toda filosófica que está contido em sua leitura e que os marxistas como Labriola, Plekhanov, Gramsci, Della Volpe, Giulio Pietranera, Mario Rossi, etc. ten-



taram perseguir. Sem dúvida, isto não significa o abandono da causa (operacional entre filósofos e não-marxistas) de identificação de conteúdo econômico e histórico do objeto em estudo do *Capital*. Pelo contrário, a descoberta da relação entre a leitura científica e filosófica que iria levar a melhor esclarecer o entendimento de certos aspectos. Isso também pode solicitar uma re-leitura entre o moderno e o contemporâneo de alguns das teses originais de Althusser, que levantou a mesma crítica na década de 70 mostrando a relação entre o problema e o aparato conceitual do estruturalismo althusseriano. Este último aspecto será discutido a seguir. Para o momento, deve-se dizer que a análise do objeto do *Capital* continua com uma série de perguntas que Marx conhece o objeto e retorna sobre o método científico da economia política de Adam Smith e David Ricardo. Um dos problemas que antecipam o exame das deficiências da economia clássica é encontrado nas classes abstratas que pode produzir - ou não - o conhecimento “concreto”; e um exemplo é o da crítica fundamental que Marx muda-se para toda a economia clássica de *A Miséria da Filosofia* ao *Capital*, que não deve ser historicizada as categorias do capitalismo, considerando-os como “eterno” e imutável. Em certo sentido, a história, para Marx, é historicizada, reduzida há seu tempo e sua natureza relativista; o método histórico não pode ser definido fora da teoria de que ela é fundada.

Mas da mesma forma o marxismo é fundada sobre a base de ruptura epistemológica que o distingue e não fora. Além disso, pode reconhecer-se como anti-historicismo da mesma forma que a declaração de quebra poderia revelar uma inédita interpretação anti-humanista da versão de Marx da meditação. Desta forma, de acordo com Althusser, a detecção simultânea de anti-humanismo e anti-historicismo do marxismo, pode significar a dar passos em frente na produção científica do humanismo em si e suas ambigüidades. A apresentação do marxismo como historicismo, por exemplo, em Gramsci, esconde a utilidade de traçar um ‘ponto de vista’ semelhante ao proposto no exame do humanismo, para trazer a teoria do marxismo como a história e filosofia como uma expressão do real e concreta, isto é, de fato, como história.

O problema geral é estar fazendo uma distinção entre o materialismo histórico e o materialismo dialético, à luz de uma teoria da história. A versão historicista do marxismo conduz à negação prática da ruptura entre a análise do materialismo histórico como uma ciência da história e filosofia marxista (materialismo dialético).

Em termos de análise epistemológica e/ou pesquisa de seu próprio objeto próprio de Marx e dos marxistas, a revisão constante das diferenças entre o materialismo histórico (a teoria da economia política e história, por assim dizer!) e a teoria da ciência e da história da ciência (o materialismo dialético) torna-se essencial. Acima e além do ideológico e, talvez, forçando a pretensão de reivindicar o mesmo e, no interior do marxismo, a necessidade de iniciar um debate em torno de um ‘vazio’, apenas Althusser denunciou a equação do stalinismo-lysenkismo como um representante da era “Diamat” estava sob características epistemológicas soviética, no entanto, a filosofia jurídica de Pëtr Ivanovié Stučka, Eugenij Bronisjavovié Pasukanis e Andrej Januarevié Vyinsky bem como de lógica formal e as relativas à mecânica quântica. Em outras palavras, para voltar à nossa discussão, a mesma crítica da economia política propõe um novo objeto de reflexão no qual estão contidas as sementes de um

rigoroso estudo epistemológico também capaz de destacar as diferenças específicas que separam o objeto de Marx o de seus antecessores. “Somente aqueles que olham honestamente pode encontrar”, escreve Lukács. O resultado final deste processo será o nascimento de uma abordagem nova sobre o objeto da teoria, que tem se tornado objeto de nova natureza revolucionária. O tema da busca de Althusser, então, é sim um da formulação de conceitos que identificam a determinação dos fenômenos no campo da economia política e mudança radical no seu objeto e sua perspectiva. Do ponto de vista teórico, este deve resumir as contribuições da teoria de Marx da história e da economia política, que na nova leitura do problema fornecido pelo *Capital*.

### 5.3 - A CIÊNCIA E A LÓGICA DA HISTORIA

A reflexão dellavolpiana sobre o marxismo segue uma certa configuração em que a lógica é apresentado como ‘real’ como epistemologia é acompanhado por admitir um processo de formalização que implica a singularidade do lógica do ponto de vista da ciência. Em essência, isso significa que o argumento de lógica pode sofrer a comparação é com todos os seus aspectos formais do que com aqueles derivados da dialética, e, portanto, em última análise, a história.

É provável que a ocorrência do objeto em Della Volpe pode adiar o problema da formalização da lógica científica e história. Em contraste com o idealismo de Hegel, Marx teria colocado as bases da lógica para ser entendida (em seus empreendimentos) como uma ciência histórica, na esteira da afirmação de um modelo epistemológico já experimentado em Aristóteles e, para a uniformidade de opinião, pelo próprio Marx. A este respeito Della Volpe vai notar a função significativa da crítica contra o aristotelismo de afirmação dedutiva científica e escolar. Galileu teria tomado as distâncias do indutivismo de Bacon e, portanto, seu modelo seria imposto para além da eventual redefinição do que Aristóteles. Neste sentido, Della Volpe narra a gênese da dissolução da lógica escolástica em favor da suposição metodológica de Marx de um ponto de vista útil para estabelecer uma epistemologia materialista. É a história da ciência que contém as várias fases de desenvolvimento do conceito de matéria e qualquer racionalização subsequente e que também inclui a delimitação de suas esferas teóricas da ciência que a mesma lógica. A história parece segurar vários momentos de sua reivindicação de estatuto científico. Basta percorrer o processo e mostrar Marx como a fundação de uma abordagem materialista (que aparece em Rousseau e Marx) e construir ao longo de ambos os momentos críticos na filosofia especulativa (como na *Crítica a filosofia de direito público de Hegel e Miséria da Filosofia*), que no ‘*Einleitung*’ metodológico em ‘57 à *Crítica da Economia Política*.

O método da economia política assume uma importância estratégica para a determinação de uma relação estreita entre a história e a lógica, como foi sublinhado por Marx. O caráter específico da “produção material” principalmente justifica a utilização da definição metodológica e correção de possíveis diferenças na abordagem da economia política e, em última instância, os processos de produção do ‘real’: até o processo de apropriação do “concreto”. Como é bem conhecido entre os estudiosos do marxismo italiano investigar geneti-

camente a dialética do concreto, torna-se Della Volpe para mostrar que o clube real-abstrato-concreto pode segurar o método da economia política.

E não só. Della Volpe no 'real' assume a aparência muito de uma dialética do concreto. Traçar a gênese do processo pode conduzir a uma reivindicação epistemológica que uma pesquisa deste tipo tende a admitir até para justificar a sua natureza específica, ou melhor, sua determinação, isto é, novamente, sua historicidade. O tema da historicidade da ciência emerge no Della Volpe e assim como gerado pelo pensamento de Marx e sua descoberta de ordem metodológica. Na base se juntou ao exame da dialética do reconhecimento concreto do marxismo como uma ciência, isto é, a epistemologia, é um dos principais resultados dellavolpiana, e como tal tem sido discutido pelos críticos no início dos anos 60 e processado na forma da história do que um mero debate filosófico sobre a próxima década, até então desaparecer completamente durante os anos seguintes.

Na verdade, a "metodologia" dellavolpiana e que de sua "escola" veio não só na presença de amadurecimento historicista e cultural-idealista antisociológico-empírica de matriz crociana e Gentile, mas em um contexto de lenta absorção das questões epistemológicas de relevância dentro do mais amplo debate sobre a formação de cientistas e políticos intelectuais entre os marxistas italianos. O atraso neste campo tem sido capaz de obter um atraso pesado na formulação de qualquer hipótese de trabalho após a transposição da relevância dessas questões e se expandiu para outros campos de interesse. Para essa direção, continua - no entanto - ser relevantes para o desenrolar da pesquisa sobre questões metodológicas e tudo o que foi possível durante os anos, quando a "escola" de Della Volpe teve que dispor de críticas dirigidas ao maestro. Na verdade, deve-se dizer que outros autores - como Lucio Colletti - apesar de terem formado seus próprios textos filosóficos sobre Della Volpe ou de Giovanni Gentile, reuniram-se para abraçar a "questões metafísicas" e siga Martin Heidegger, Sartre e Ludwig Wittgenstein.

Em todos os casos, no volume de *Crítica de Ideologia Contemporânea* Della Volpe faz o seu caminho em torno da investigação e, portanto, a dialética lógico-histórico de Marx; um tipo de verificação da 'teoria', isto é, ainda, a lógica do *Capital* obtido pela "história" das notas "Teorias da Mais-Valia". Como ele diz, são as teorias que possam identificar as categorias de dialética antecedentes históricos e econômicos (como, por exemplo, a produtividade no trabalho) que são cruciais na sociedade capitalista. Della Volpe segue alguns dos detalhes sobre o método e o uso de conceitos historicamente precisa como, por exemplo, o de "relações sociais de produção", tudo, em oposição ao uso de 'indeterminados' conceitos pelas formulações propostas de economia clássica ("divisão do trabalho", por exemplo, "povo", "valor de troca", etc.). O raciocínio é mencionado por Marx em 1857 na *Introdução à Crítica da Economia Política* e tomadas por Della Volpe em seu *Ensaio da dialética* no apêndice ao texto *Liberdade comunista*.

O problema parece preocupações metodológicas a possibilidade de chegar o jogo a partir de definições abstratas do concreto. Na prática, no curso do pensamento, são obrigados a proceder de acordo com o vicioso de concreto abstrato-concreto e começam sempre a partir das consequências dos processos históricos que afetam o presente ou "concretas", estudando as causas e antecedentes históricos mesmos que eram antes lógica. Isso pode se traduzir coradas para Della Volpe no exame destes

pré-históricos por meio de sua lógica e histórica, o caminho que indicariam a introdução de '57 e que Althusser teria desafiado "*Lire le Capital*", enfatizando muito interpretação della volpiana de Marx.

São as abstrações chamadas de "determinados" para ser o tema de pesquisa realizada sobre o método dialético do Della Volpe, que ele identifica com o método, que histórica e lógica é dependente, em parte, pela descoberta das relações com "antes" considerados essenciais para a realização de todo o processo histórico-lógica. Neste sentido, Della Volpe será notada já na *Lógica como uma ciência positiva* o aspecto epistemológico da mais desvalorização, bem como o trabalho de autores como Althusser.

Globalmente, Della Volpe mostra como a transformação ocorre com os princípios da dialética operaria em favor de afirmar a historicidade de um permitido acordo com a mesma razão dialética, leva à admissão da validade desse conhecimento como uma ferramenta. A relação maior mostra o desenvolvimento de uma análise adequada dos fatos históricos e sociais, considerados em sua materialidade e concretude, uma análise dialética das contradições, capaz de se conectar a uma sociologia histórica materialismo histórico e ferramentas críticas que se origina de sua lógica e que está emergindo como uma ciência humana.



## VI- NOTAS SOBRE MARXISMO, SOCIOLOGIA E ESTRUTURALISMO

### 6.1 - A VERSÃO ESTRUTURALISTICA DA DIALÉTICA

O pensamento marxista assumiu e discutiu no final da década de 70 teses de estudo de uma série de correspondências estruturais entre as teorias contemporâneas de diferentes disciplinas, em particular, a relação entre conhecimento científico e conhecimento cotidiano, aqueles entre ideologia e ciência, e, finalmente, por *último, mas não* menos importante aquela entre ciência e filosofia. À luz de algumas atualizações sobre estes temas, vamos examinar o papel da sociologia no debate sobre a origem de um novo humanismo na “modernidade”. Na verdade, as posições sobre o humanismo próprio Althusser e - conseqüentemente - do historicismo e as suas relações prolongadas com o estruturalismo têm sido capazes de desencadear um processo crítico durante o desenvolvimento do próprio estruturalismo. No pequeno livro, *o Marxismo e Estruturalismo* por Maurice Godelier e Lucien Sève foram abordados várias questões encontradas para ser muito útil para estimular um debate sobre os fundamentos das ciências sociais. Desde então, tem havido muitos sociólogos que, seguindo o exemplo do Walter Benjamin marxista que, ao invés de ficar ‘presos’, optaram por tirar sua própria vida com veneno. Na verdade, a sociologia tem seguido seu caminho muito fragmentado, mas menos do que aqueles expostos aos riscos tomados por alguns teóricos marxistas, mas o mesmo não estava mais próximo de algumas descobertas do estruturalismo.

E só na aparência, Godelier afirma que o estudo da arquitetura do *Capital* seria de destacar a prioridade das estruturas e estudo em que a sua origem e seu desenvolvimento. Para Godelier, o estudo da gênese de uma estrutura só pode ser cumprido se você tem um conhecimento ativo do mesmo. Lucien Sève faz depender do mesmo Godelier a definição de marxismo entendido como o anti-humanismo teórico, de que Louis Althusser é o principal representante na França, em contraste com a interpretação humanística e muita filosofia de Roger Garaudy. Em todos os casos, a análise de Marx, segundo Godelier, rejeita qualquer justificação ‘humanista’ e particularmente em relação ao socialismo. Garaudy, ele argumentou, no entanto, que o estruturalismo pode ser entendido como um novo humanismo. No entanto, lembre-se que algumas das pesquisas de Maurice Godelier, realizado no terreno do materialismo histórico, estão ligadas ao método estruturalista e o método dialético, a fim de produzir uma versão estruturalista da dialética. Na filosofia, na verdade, o estruturalismo convidado a compreender cada campo de investigação, inserindo elementos cruciais nas estruturas em que os elementos de exatidão de seu ato como todos os significativos: assim, o significado de termos dentro de um esquema geral é exclusivamente definido e a teoria da interpretação pode ocorrer na mais transparente. Críticas a essa abordagem levam em conta as reservas conhecidas feitas por filósofos marxistas modernos e contemporâneos ou seguidores da tradição dos estudos sociológicos sobre a “moder-

nidade” que tem sido capaz de produzir nas últimas décadas, tanto na Europa como nos Estados Unidos, uma variedade de contribuições. Mesmo Michel Foucault, que não pode ser considerado um verdadeiro especialista nas ciências humanas, sua pesquisa entrou em estruturalismo e tentou descrever as diferentes formas históricas de práticas discursivas. Especialmente na segunda metade dos anos 60 mudou seus interesses a partir das práticas sociais para práticas lingüísticas, foi o resultado da migração dessas obras como, por exemplo, *A Ordem das Coisas* (1966) e *A Arqueologia do Saber* (1969). Nestes dois livros que atribui um papel ao discurso metodologicamente privilegiado e sistema abstrato de regras a que pertence. Na verdade, muito progresso tem sido feito desde que Foucault argumentou que o estruturalismo se torna filosofia da cultura e se torna uma espécie de teoria da estrutura profunda ou “episteme”, que informa e define todas as culturas ao longo da história, resultando em suas diversas instalações científicas. E muito ainda será a percorrer.

## 6.2 -A SOCIOLOGIA NO HUMANISMO DA “MODERNIDADE”

Cada vez menos e fechar com o marxismo, o desenvolvimento sintético de reconhecimento histórico e teórico da sociologia científica mostra a correspondência de algumas exigências da chamada “modernidade” com momentos críticos de reflexão sistemática também realizou a possível extensão de conceitos ou teorias que realçam os valores humanos, e não é por acaso que muitos da sociologia histórica ou história sociológica acharam que tinham “marxistas” desse tipo. Na verdade, eles se comportam como filósofos ou aqueles que ainda defendem o humanismo socialista na história humana e quão bem eles falaram da *Studis humanitatis* de 1400. Em um nível metodológico, no entanto, o mesmo tipo de caminho que parece revelar o uso da processualidade entendida como principais centros está ocorrendo no qual a ‘história da sociologia “ que, no mundo de hoje pode finalmente ser entendido como “a história da ciência” (e também como uma “teoria da ciência”). Em outras palavras, mostra traços *genéticos* do desenvolvimento da teoria, precisamente; e, novamente, permitem fazer panorâmicas mais ou menos apreciáveis do uso recorrente de determinadas categorias de análise científica, e formular hipóteses testáveis na comparação racional das fontes de produção. Por exemplo, um breve exame da relação entre a cansativa constituição na Itália da teoria laica secular e da emancipação da teoria sociológica européia das hipotecas de caráter utilitário, estritamente falando, fornece um quadro hipotético de desenvolvimento peculiar para a ocorrência de “necessidades” completamente nova para a mesma teoria. Primeiro, lembrar de um papel estratégico na análise de Marx do capitalismo ocidental (século XIX), muito além do limiar do século XX, independentemente dos resultados alcançados pelo historicismo alemão (Max Weber). Segundo, ele explica e critica o evolver-se e a dissolução da teoria positivista até a reinterpretação da teoria da ação voluntária conduzida pelo estrutural-funcionalismo americano (Talcott Parsons). Em terceiro lugar permite a anunciar a sociologia secular da ciência como uma parte essencial da “modernidade”, que é anexada à revisão do positivismo moral (E. Durkheim), mas também a obrigação do humanismo socialista de descobrir a práxis.



A intenção é refletir criticamente sobre os pontos para descrever uma nota final, uma hipótese ou proposta de trabalho sistemático. Inicialmente, parece permitido ler uma breve perspectiva da “história da ciência” a consolidação progressiva de uma teoria sociológica da ação de contextos (por exemplo, os franceses - o século XVII). Quando a admissão da naturalidade de constrangimentos sociais torna-se uma teoria da emancipação, atuada na separação do Estado da sociedade civil; isto é, na liberdade da ação burguesa por parte da supervisão pelo Estado, bem como p recurso extramundano para usar uma imagem global do cosmos que o coloca em uma decisão teológica final as maneiras possíveis da lógica do mundo. A ideia de autonomia como uma compreensão social dos padrões de referência de ação afirmativa como uma pró-ativa do conhecimento da ciência sociológica de emancipação. O velho barão Montesquieu e Jean Jacques Rousseau (precursor do socialismo) desenvolveu uma política de ciência na forma da ciência natural para entregar à ação a sua autonomia: os que se referem a diversas conexões típicas em que acontece a ação humana, alguém procurando um suporte para a teoria social que tem de vir de um “estado de natureza” não existe. A crítica que se segue (Adam Smith, etc.) põe em contato com a realidade mais moderna.

No limiar do desenvolvimento da economia europeia capitalista e diferentes processos do mercado regulamentado, o conceito de uma ciência naturalista da sociedade é fetichista é usado para fins produtivos. Tentativa de elevar o status epistemológico das categorias de ação não se destina do organicismo positivista da pesquisa na prática cotidiana, em oposição a uma crítica da razão totalizante (de que as práticas podem lançar um sistema de sociologia). A busca de modelos naturalistas, a unidade experimental, dissolve a tentativa de libertar-se da sociedade industrial no início da emancipação apoiado pela sociologia como uma ciência. É Karl Marx a apoiar uma ação recharacterizante. Ele critica a “oficial sociologia” e tenta encontrar um lugar na prática cotidiana, em que o conteúdo intelectual de filosofia deve derramar em várias formas de vida da sociedade emancipada. Marx não depende de uma compreensão cuidadosa do “social” (Auguste Comte) a tarefa de explicar a diferenciação das ciências e das imagens do mundo das bases naturais. As leis da natureza são imutáveis para Comte. Mas, para Marx, é a sociedade que precisa ser mudada (sociedade sem classes). Daí a consideração do conceito de “totalidade” e seu universo plástico o uso continuado da dialética: tanto do “ponto de vista” da afirmação de uma “teoria crítica” que da rejeição das formas de doutrinação praticável em nome de uma previsão certa do curso da história (o exemplo mais conhecido é o de Karl Popper *Miséria do Historicismo* e em *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos*).

Por outro lado, as formulações originais positivista atraem a recuperação da razão (ver as correntes do espiritualismo europeu em geral). Esta experiência é mais crítica: a sociologia tem caído na luta de idéias. A hipótese é que o dualismo do materialismo histórico e idealismo condenam a teoria social crítica não é emancipado do mecanismo da natureza.

Na Itália, vista a permanente utilitária da religião e a convivência entre Igreja e Estado impedem a liberação de uma esfera pública burguesa pela ação social e “empossessamento”, portanto, a tarefa de uma teoria de emancipação social. Uma teoria social da ação expurgada da nova teologia só é possível através do positivismo e evolucionismo O cenário reproduz - tarde - o que aconteceu em outros países europeus.

Sobre Marx, que, para Hegel, destronou a reivindicação de restabelecimento de uma ciência naturalista social agora reduzida e criticada pela ciência, em nome daquela (Historicismo alemão, o pragmatismo, filosofia, valores, espiritualismo, etc.). Labriola e Croce estão no comando da revisão: que praticam em termos de filosofia, que em termos histórico social.

As declarações de apoio à possibilidade de emancipação da sociologia na direção de um impulso que deve vir da sociedade civil faliram. Labriola chama para ver coagulado em uma filosofia da história humana, na esperança de resolução crítica da sociedade emancipada é coletado do historicismo de Croce, em termos de outra dissolução da filosofia burguesa. A teoria da ação que filtra através da consciência, intuição e da representação é rejeitada a priori. A biologia social volta a ser criticado como realidade inalterada. A nova ciência, a qual ele apela, é negada como uma ciência pseudoconcentual que desengata a partir do conceito e do universal e assim retorna (como em Saint-Simon, Comte e Herbert Spencer) a vantagem simples da vida prática. A sociologia é o mecanismo e o utilitarismo da natureza condensada em teorias abrangentes; o que veio ao marxismo, Antonio Gramsci chamou de “vulgar”.

Um mecanismo eficaz de emancipação pela hipoteca da natureza é o preço a pagar para encontrar na diferenciação dos *sistemas de ação*, a verdadeira face da ciência moderna torna-se agora, mesmo nas suas orientações fenomenológica, hermenêutica e pragmática, uma tentativa descartar as filosofias da única tarefa de explicar uma base a priori fundamental da prática diária ideal.

Nas encostas da teoria dos sistemas, que atua de forma diferente sobre a “história da ciência”, o apelo de Parsons de livrar de um Spencer morto e enterrado, e para plantar em um excesso de torque a dicotomia idealismo-positivismo é a resposta mais óbvia para a necessidade de encontrar uma teoria de ação social emancipada do utilitarismo positivista-evolucionista; embora insuficiente para estabelecer um paradigma sociológico na “modernidade”. Este deve ser provavelmente a tomar forma mesmo na negação da historicidade sistêmicas e em admitir praxeologia de “construído” da vida cotidiana. Neste sentido, apenas a processualidade garante a demonstração bem sucedida da teoria científica e justifica a sociologia como a ciência da ação em certos sistemas históricos determinados.

E talvez o caso para sociólogos a afirmar que lhe rendeu um tempo para a filosofia marxista: Ou seja, desenvolver a crítica de um estado de coisas existentes além da historicidade dos supostos autores intelectuais. Ou, em vez disso, para Marx o que é certo em todos os homens: *Jeder stirbt für sich allein* (como escrito pelo poeta Rudolf Ditzen, *Todo mundo morre sozinho*).

## NOTA BIBLIOGRÁFICA

A nota a seguir refere-se em uma fonte deliberada e materiais essenciais para lidar com autores já mencionados no texto e que são produzidos em um determinado período de desenvolvimento e florescimento de interesse tanto para estudar o marxismo que para sociológica. Na verdade, na Itália, na segunda metade de 1980, o horizonte do debate em torno dessas questões é muito reduzido. Por esta razão, ao invés da busca de uma definição dos vários campos de interesse, é preferível seguir um certo repertório 'clássico' obras de crítica, que será certamente uma parte de uma tradição de longa data, mas pode ser muito útil para aqueles que desejam tomar agora uma curta viagem entre a ciência e a memória, investigando em textos especiais até anos 70. Como por Karl Marx não são traduções, muitos dos escritos puramente histórico e econômico-político e ideológico, antologias e escritos coletâneas, escritos sobre arte e biografias.

As edições básicas das obras de Marx e Engels em alemão são conhecidas por estudiosos como *Mega e Werke*. O primeiro, K. Marx, F. Engels, *Historisch-Kritische Gesamtausgabe. Werke, Schriften, Briefe, vol. 1969-1970*. 12 vol., Berlin, Moscou, 1927-1935 (reimpressão: Frankfurt, Realizados sobre os manuscritos depositados no Instituto Marx-Engels, em Moscou, manteve-se incompleta. Portanto, a melhor edição é a segunda: K. Marx E Engels, *Werke*, 44 vol., Berlim, 1956. A edição italiana da Obras Completas de Marx e Engels é publicada no Riuniti Editores de Roma de 1972.

Em particular, Engels, e de alguns aspectos da história e da teoria da social-democracia alemã pode ser um texto muito interessante de F. Mehring, *Aus dem literarischen von K Marx, Friedrich Engels um F.Lassalle*, Stuttgart, 1902; R. Mondolfo *II materialismo Storico Friedrich Engels*, Florença, 1952; V. I. *Lênin, Marx, Engels, o marxismo*, trad. it, Roma, 1952. G. Lukács, *A Destruição da Razão*, trad. it. de 1959. G. Lukács, *Il Giovane Hegel e i problemi della società capitalistica*, trad. it., Turim, 1960; AA. VV, *L'oeuvre de jeunesse de Marx et Engels dans l'études publiées de 1945 à 1963-1964* in *Annali dell'Istituto G. G. Feltrinelli*, VII, Milão, 1964-1965; L. Basso, *Appunti sullo sviluppo della teoria rivoluzionaria in Marx e Engels* in 'Neocapitalismo e sinistra europea', Bari, 1969; H. Bartel, *Marx und Engels im Kampf um em revolutionare deutschen Parteiorgan, 1870-1890*, Berlin, 1961; A. Cornu, *Karl Marx et Friedrich Engels*, Paris, 1955; H. Gemkow, *Friedrich Engels I-lilfe beim Sieg der deutschen Sozialdemokratie über das Sozialistengesetz*, Berlin, 1957. Di E Engels si veda il volume *Ludwig Feuerbach un der Ausgang der Kiassischen deutschen Philosophie*, Lipsia, 1947.

Sobre o socialismo em 1973 publicado na França, Droz, *Histoire générale du socialisme*. Para J. J. Rousseau si v. *Oeuvres completes* da 'Bibliothèque de la Pléiade', Gallimard, Paris, 1964; em italiano v. *Sull'origine della ineguaglianza* Roma, 1983 e *II Contratto sociale*, Turim, 1966. Ainda, v. *Ouvres completes de Charles Marie François Fourier*, Paris, 1840-1848, 6 vou; H Borgin, *Fourier. Contribution à l'étude di socialisme français*, Paris, 1905; G. Cuivitch, *Lesfhndateursfrançais de la sociologie contemporaine: Saint Simon et Proudhon*, Paris, 1955; R. Garaudy, *Les sources*

*françaises du socialisme scientifique*, Paris, 1948; R. Mondolfo, *Umanesimo di Marx*, Turim, 1968; W Sombart, *Il socialismo tedesco*, Florença, 1941; G. M. Bravo, *Il socialismo prima di Marx*, Roma, 1970. Sobre P. J. Proudhon, *Che cosè la proprietà*, a c. di U. Cerroni, Bari, 1957, C. Bouglé, *La sociologie de Proudhon*, 1911; G. Gurvitch, *Proudhon et Marx: une confrontation*, Paris, 1964; P. Ansart, *La sociologie de Proudhon*, Paris, 1967. De M. Bakunin v. *Dittatura e anarchia*, Pisa, 1919.

No que se refere ao revolucionário do marxismo-leninismo em textos, tais como L. Trotsky, *Storia della rivoluzione russa*, Milão, 1976; R. Garaudy, *Lenin e il leninismo*, Roma, 1970; AAVV, *Leninismo e rivoluzione socialista*, Bari, 1970. Su K. Kautsky v. V. I. Lenin, *La rivoluzione proletaria e il rinnegato Kautsky*, Roma, 1969. De Lenin, *Opere Scelte*, Mosca, 1978; ainda v. Rosa Luxemburg, *Scritti politici*, Roma, 1970; G. Plekhanov *Opere scelte*, Mosca, 1985. Sobre o pensamento de Lenin ver H. Lefébvre, *Le pensée de Lénine*, Paris, 1957; L. Althusser, *Lenin e la filosofia* Milão, 1969; AAVV, *Attualità del materialismo dialettico*, Roma, 1974. De J. V. Stalin v. *Les questions da leninisme*, Moscou, 1951; v. também *Opere complete*, Roma, 1949. Sobre o stalinismo v. L. Althusser, *Umanesimo e stalinismo*, Bari, 1973; R. Medvedev, *Lo stalinismo, origini, storia, conseguenze*, Milão, 1972. Para o periodo sucessivo v. N. S. Kruscev, *Kruscev ricorda*, Milão, 1970.

Sobre Mao Tse-tung, recorda-se a primeira edição chinesa das *Opere scelte* publicada da Casa Editora do Povo de Pequim em julho de 1952. Cita-se *Opere scelte*, Roma, 1956, 5 vol., que porem não compreendem a produção de Mao sucessiva a 1949, a qual se encontr em diversas *Antologie*. Ainda E. Snow, *Stella rossa sulla Cina*, Turim, 1967; Ciu Teh, *La lunga marcia*, Roma, 1971; Han Suyin, *Mao Tse-tung. Una vita per la rivoluzione*, Milão, 1972. Sobre maoismo v. do mesmo Han Suyin, *La Cina nell'anno 2001*, Milão, 1969 e H. Shurmann, *Ideologia, organizzazione e società in Cina*, Milão, 1972.

Ideologia marxista em alguns países Africano ver M. Rodinson, *Marxisme et monde musulman*, Paris, 1972; R. Gallissot e G. Badia, *Marxisme et Algérie, écrits de Marx et Engels*, Paris, 1976.

Para mais informações e as relações com algumas ‘atuais’ idéias mais ou menos “ortodoxa” que você vê K. Krsch, *Marxismo e Filosofia*, Milão, 1970; e precedente *Karl Marx* (1969); ainda v. di E. Bloch, *Marxismo e utopia*, Roma, 1984; de G. Lukács, *Storia e coscienza di classe*, Milão, 1991; de J. E Sartre, *Critica della ragione dialettica*, Milão, 1963 e *Esistenzialismo e marxismo*, 1991. Algumas referências à sociologia marxista compreendem textos de V. Lenin (in *Opere scelte*, Roma, 1972); M. Adier, *Der soziologische Sinn der Lehre von Karl Marx*, Lipsia, 1914; AAVV, *La sociologie en URSS — VI Congrès International de Sociologie*, Moscow, 1966; N. I. Bucharin, *La teoria del materialismo storico- Manuale di sociologia marxista*, Florença, 1977. Para a ‘teoria critica’ v. M. Horkheimer- T. Adorno, *Lezioni di sociologia*, Turim, 1966; sobre Horkheimer v. J. Habermas, *Prassi politica e teoria critica della società*, Bolonha, 1973. Para outras referências v. E Ferrarotti, *Una sociologia alternativa*, Bari, 1972 e B. Spirito, *L'individuo sociale*, Napolis, 1974 (e recente rist.). Di A. Heller, *Per una teoria marxista del vaioire*, Roma, 1980 e *Sociologia della vita quotidiana*, Roma, 1981. Para A. Gramsci v. *Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura*, Turim, 1950; ainda, v. R. Mondolfo, *Da Ardza a Gramsci*, Milão, 1962 e P.

Togliatti, *Gramsci*, Roma, 1967; AA.VV, *Studi gramsciani* in ‘Atti del Convegno di Roma’ 11-13 Janeiro 1958, Roma, 1969; AA.VV, *Convegno Internazionale di studi gramsciani*, Cagliari, 1967 a c. de E Rossi, Roma, 1969; AA.VV, *Gramsci e il marxismo contemporaneo*, Roma, 1990. As obras críticas sobre marxismo podem conter referências a relação com o dito ‘materialismo dialético’, com o ‘materialismo histórico’ etc. Se v. B. Croce, *Materialismo storico ed economia marxistica*, Bari, 1961; V. Stern, *Grundzüge des dialektischen und historischen Materialismus*, Berlim, 1947; A. Gramsci, *Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce*, Turim, 1952; G. Wetter, *Il materialismo dialettico sovietico*, Turim, 1948; H. Lefebvre, *Il materialismo dialettico*, Turim, 1949; M. Dobb, *Problemi di storia del capitalismo*, Roma, 1958; de N. Badaloni, *Marxismo come storicismo*, Milão, 1962 e *Il marxismo di Gramsci*, Turim, 1975; M. Rossi, *Marx e la dialettica Hegeliana*, Roma, 1960, 2 voll.; Accademia delle Scienze dell’ URSS, *Fondamenti di filosofia marxista*, Milão, 1965, 2 voll.; E. Mandel, *Trattato di economia marxista*, Roma, 1965, 2 voll.; P. 1. Sruéka, *La Funzione rivoluzionaria del diritto e dello Stato*, Turim, 1967; di H. Marcuse, *Soviet Marxism*, Parma, 1968; *Cultura e Società. Saggi di teoria critica 1933-1965*, Turim, 1969 e *Controrivoluzione e rivolta*, Milão, 1973; E. A. Baran-P.M. Sweezy, *Il capitale monopolistico*, Turim, 1968; L. Colletti, *Il marxismo e Hegel* Bari, 1976, 2 voll.; AA.VV, *Marx vivo. La presenza di Karl Marx nel pensiero contemporaneo*, Milão, 1970, 2 voll.; 5. Timpanaro, *Sul materialismo*, Pisa, 1970; L. Geymonat, *Storia del pensiero filosofico e scientifico*, IV, V, e VI vol., Milão, 1971-1972; L. Geymonat et al., *Attualità del materialismo dialettico*, Roma, 1974; C. Luporini, *Dialettica e materialismo*, Roma, 1974; AA.VV, *La filosofia della Rivoluzione Culturale. Antologia di testi cinesi*, Milão, 1974; 5. Amin, *L’accumulazione su scala mondiale — Critica della teoria del sottosviluppo*, Milão, 1971; U. Melotti, *Marx e il terzo mondo*, Milão, 1972; U. Cerroni, *Crisi del marxismo?*, Roma, 1978 e *Logica e società*, Milão, 1982; H. Lefebvre, *Abbandonare Marx?*, Roma, 1983; P. M. Sweezy, *Il marxismo e il futuro*, Turim, 1983; E. Agazzi, *Crisi e ricostruzione del marxismo: il materialismo storico come metateoria*, Milão, 1984; G. Rinzivillo e outros, *Le cause e la storia. Sul marxismo e le teorie della conoscenza scientifica*, Roma, 2008; a monografia *Karl Marx, dialettica e memoria*, Roma, Armando, 2013.

Sempre útil referências sobre posições de intelectuais sobre marxismo nos volumes de I. Fetscher, *Il marxismo*, Milão, 1970, 3 voll.; E Vranicki, *Storia del marxismo*, Roma, 1979, 3 voll.; di E. Kolakowski, *Marxismo, utopia e antiutopia*, Milão, 1981 e *Nascita sviluppo dissoluzione del marxismo*, Milão, 1980-1984, 3 voll.; in AA.VV. *Storia del marxismo*, Turim, 1978-1982, 4 voll. Repertórios bibliográficos são obviamente contidas em muitas das obras indicadas; de um certo interesse è o recente J. M. Cammett, *Bibliografia gramsciana 1922-1988*, Roma, 1991 e *Supplemento* de 1993, Roma, 1995.

Sobre outros temas v. K. Mannheim, *L’analisi strutturale dell’epistemologia*, Milão, 1967; J. Habermas, *Conoscenza e interesse*, Bari, 1973; AA.VV, *Sul marxismo e le scienze*, ‘Critica Marxista’, Quaderni-n.6, 1972 e ann. succ.; AA.VV, *Scienza e storia*, Napolis, 1978; G. Della Volpe, *Opere*, Roma, 1972 -1973, vol.; di L. Althusser, *Filosofia e filosofia spontanea degli scienziati*, Bari, 1976; *Elementi di autocritica*, Milão, 1975 e *La crisi del marxismo*, Roma, 1992; V. Gerratana, *Gramsci. Problemi di metodo*, Roma, 1997.

Bozza 02  
formato mm 170x240 bn  
Allestimento brossura fresata

Finito di stampare nel mese di aprile 2023  
presso la tipografia The Factory Srl  
per conto di "Edizioni Nuova Cultura"  
p.le Aldo Moro n. 5, 00185 Roma  
[www.nuovacultura.it](http://www.nuovacultura.it)  
per ordini: [ordini@nuovacultura.it](mailto:ordini@nuovacultura.it)

[Int\_9788833655819\_17x24bn\_SP02]